

Ministerio, da Agricultura, Industria e Commercio

RELATORIO

DA

ESCOLA DE APRENDIZES ARTIFICES DE MINAS GERAES

Apresentado ao Exm. Snr. Ministro da Agricultura, Industria e Commercio, pelo Director da mesma Escola; e da Associação Cooperativa e de Mutualidade entre os alumnos, apresentado ao Snr. Director Geral da Industria e Commercio pelo Presidente da Associação. Director da mesma Escola; ambos referentes ao anno de 1912.

1913

Typographia Moderna

#12 = RUA CAETHÉS = #12

Bello Horizonte

Dr. Delfim Moreira

Amor

B. H. 2-6-1913

RELATORIO apresentado ao Exmo. Snr. Dr. Pedro de Toledo, Ministro da Agricultura, Industria e Commercio, pelo director da Escola de Aprendizes Artifices de Minas Geraes, referente ao 3.º anno lectivo, de 1912.

Exmo. Snr. Ministro,

Cabe-me ainda, pela terceira vez, graças á vossa benevolencia, dar-vos conta de todo o movimento da Escola de Aprendizes Artifices do Estado de Minas Geraes, em cumprimento do art. 12, § 4.º, do regulamento approved pelo Decreto n. 9.070, de 25 de Outubro de 1911.

Alegra-me, em extremo, começar dizendo-vos que nenhum accidente ainda se deu nas officinas desta Escola, e o segundo anno lectivo deu fim em seus trabalhos pela sessão solemne da distribuição de premios aos alumnos, realizada em 29 de Dezembro, á qual deu-me a honra de comparecer, além do Snr. Coronel Vieira Christo, como representante do Snr. Presidente do Estado, do representante do Snr. Dr. Secretario da Agricultura, o distincto cidadão, e eminente Snr. Dr. Delfim Moreira, illustre Secretario do In-

terior, vindo, como de proposito, dir-se-ia, para julgar generosamente o vosso humilde auxiliar nos trabalhos, de que muito vos tendes occupado, da Instrucção Profissional.

As expressões do Snr. Dr. Delfim Moreira, ungi-das da sinceridade peculiar ao seu caracter sem jaça, como justo e competentissimo homem de Governo, re-temperaram-me as forças, que eu sentia exaurirem-se, e tiraram-me o espirito da duvida em que jazia, como naturalmente acontece a quem, permita-me V. Ex., procura cumprir seus deveres, custe o que custar. Não bastava-me a consciencia, sentia necessidade que alguém, de provada competencia, me dissesse si meus esforços eram bem applicados e de resultado proveitoso, ou si, ao contrario, errado na minha marcha na satisfação do grandioso objectivo da creação das Escolas de Aprendizes Artifices.

Felizmente, esse alguém appareceu-me, foi o Snr. Dr. Delfim Moreira que, depois de tudo observar com o maior interesse e minuciosa attenção, manifestou-se francamente satisfeito, dando-me assim a maxima recompensa que aspiro.

Sobre cumprimento de deveres, não ha infelizmente ainda nitida comprehensão; d'ahi a falta de unidade de vistas para que se observe ordem e perfeição nos serviços publicos. Grande numero daquelles que se occupam desses serviços não procuram cooperar, empregando os mesmos esforços para repellir a anarchia que incontestavelmente existe em muitas repartições. Tudo provem da falta de rigorosa obediencia aos regulamentos, aos regimentos internos, cujos artigos e paragraphos o funcionario precisa ter bem presentes na memoria. O dever, seja elle qual for, obriga sempre moralmente, não tem bitola, não se póde comparar

deveres para se conhecer qual é o maior ou o que é permitido deixar de cumprir. A quebra de um dever, por pequeno que nos pareça, pode o prejuizo causado tornar-se muito grande ao ultimo a quem venha ella affectar.

Numa repartição, entendo, cada um precisa cumprir seus deveres independentemente do procedimento de seus companheiros de trabalho. Assim tudo se harmonisará, e forçosamente resultarão a ordem e o progresso da Repartição.

Para vencer na luta pela existencia a principal arma, si não a unica que tem o homem, é o cumprimento do dever. Foi com tal arma que o glorioso Barão do Amazonas, o Almirante Barroso venceu, triumphou nas aguas do Riachuelo. Foi tambem assim que o immortal Floriano Peixoto consolidou a Republica.

Snr. Ministro, procuro sempre ter bem presente e transmitir a meus auxiliares o memoravel conselho daquelle já glorificado heroe á seus camaradas: «Cumpra cada um seu dever, que cumprirei o meu».

Pedindo-vos relevar-me este parenthesis, prosigo.

Tenho procurado, na medida de minhas forças, dar desenvolvimento á Escola que dirijo, e nada mais, penso, é possível fazer para seu progresso, pela absoluta falta de espaço que permitta augmentar sua esphera de actividade, como é reconhecido por todos que a conhecem. Um elemento indispensavel para que se torne patente ao povo a inavaliavel utilidade das escolas profissionais é edificio amplo e convenientemente situado, que atraia a attenção do passante.

A' esse respeito tive a honra de officiar vos, justificando sobejamente o pedido do predio em que func-

cionam provisoriamente a Delegacia Fiscal, a Caixa Economica e a Collectoria Federal, nesta Capital.

Em vista do que vos dignastes de communicar-me, da boa vontade do eminente Sr. Ministro da Fazenda actual, e do patriotismo e recta orientação do Governo do Estado, espero, com a maior confiança, que terei occasião de comprovar a verdade do que pensam os competentes sobre as Escolas de Aprendizizes Artifices.

Snr. Ministro, sinto dever dizer vos que o segundo anno lectivo, de 1912, foi dolorosamente interrompido em seus trabalhos, e todo o pessoal da Escola encheu-se de magoa por quatro vezes em curto periodo de tempo. Quatro vidas subjectivas substituiram outras tantas objectivas; por quatro vezes, de luto cobriu-se a Nação. O coração de todos os Brasileiros profundamente magoou-se pelo desapparecimento de tres virtuos eminentes, dentre os vivos, e pelo passamento de uma virtuosissima Senhora.

Esta, a Exma. Esposa do Snr. Presidente da Republica, deixou impreenchivel vacuo n'alma de S. Ex., na sua digna e respeitavel Familia ena de todos que tiveram a honra de conhecê-la.

O Snr. Barão do Rio Branco, estadista sem par, que grandissimos e inavaliaveis serviços prestou ao Brasil, e que, em beneficio da Patria, como elle, ninguém mais trabalhou.

O Senador Quintino Bocayuva, Patriarcha da Republica, jornalista e orador que, unico, sabia ferir o adversario sem fazel-o sangrar; cidadão de civismo incomparavel, de uma dignidade invejavel, qualidades que ainda patentes ficaram em seu testamento.

Emfim, o Snr. Visconde de Ouro Preto, estadista honrado e sabio juriconsulto, cuja palavra autorisada

era ouvida no Parlamento com todo o respeito e silencio.

A Escola foi representada pelo escripturario, no enterro do Snr. Barão do Rio Branco, todos que della fazem parte tomaram luto por oito dias. Por esses quatro muito queridos da Nação a Bandeira Nacional foi posta em funeral e envolta em crepe.

Snr. Ministro, como no relatorio que tive a honra de apresentar-vos, dando conta dos factos occorridos no 1.º anno lectivo, de 1911, neste meu presente trabalho separo em secções o que tenho de levar de talhadamente ao vosso conhecimento, em relação ao segundo anno lectivo da Escola.

MATRICULA

Abria matricula em 15 de Janeiro e a encerrei em 29 de Fevereiro, ficando inscriptos 78 menores, dos quaes 58 já eram alumnos da Escola em 1911, e 20 estranhos.

O 1.º anno ficou com 55 alumnos e o 2.º com 23. Distribuiram-se pelas officinas por elles escolhidas e pelos paes, assim:

Marcenaria ficou com 28 aprendizes; officina de ferros com 18; sapataria e ourivesaria com 13, cada uma, e carpintaria com 6, como se vê no anexo n. I.

Em 1.º de Março abriram-se as aulas e começaram os trabalhos nas officinas, seguindo-se o horario que vos dignastes de approvar. Este horario se acha no anexo n. II.

Snr. Ministro, o regulamento vigente, art. 7.º, alinea a, diz que para matricular-se nas Escolas o

candidato deve ter 12 annos de idade, no minimo, e 16, no maximo.

Ora, é claro que a idade do menor tem de ser provada por certidão, como explicava o antigo regulamento, e é assim que tenho procedido, aceitando certidão de baptismo ou de registro civil, porque uma e outra são documentos que me devem merecer fé.

Conforme tive a honra de vos fazer ver, em officio n. 180, de 21 de Maio, deixei de aceitar muitos menores em 1911 e no anno findo, cujos protectores e mesmo paes pobres não puderam apresentar esse documento nem de autoridade civil, nem ecclesiastica, já porque suas condições pecuniarias não permitiam absolutamente, já por terem tomado esses menores em mui tenra idade, embora conhecidos delles, ignoravam onde tinham sido baptizados ou registrados.

Cumpre notar-se que a taes menores é que mais aproveitam as Escolas de Aprendizizes Artífices, que, principalmente, para elles foram creadas.

Esta circumstancia de prova de idade, como bem se comprehende, quando não pode ser feita por autoridade competente, traz desgosto aos paes ou protectores, e tambem a mim, que fico, como elles, privado de proporcionar a esses menores os beneficios incontestaveis que essas Escolas lhes poderiam prestar, si não fôra para elles, necessaria essa certidão.

Em meu supra citado officio lembrei-vos, como ainda o faço aqui, que em taes casos poderia ser aceita uma declaração, perante mim mesmo, feita por pessoas respeitaveis que affirmassem a idade do menor, ou ainda, um attestado de medico, que julgo com competencia de dizer muito approximadamente qual a idade de uma criança, principalmente; pois, é sabido que muitas vezes o conhecimento de idade por certidão de baptismo é inexacto, e o mesmo se pode dar com o registro civil.

Sujeito-me á vossa alta deliberação, pensando que qualquer desses dous alvires é meio de se poder abrir as portas desta Escola a menores nas condições acima apontadas.

Sobre os 78 alumnos matriculados, devo dizer-vos que 33 perderam o anno, por terem dado 30 faltas não justificadas; sendo 25 alumnos do 1º anno e 8 do segundo.

Retiraram-se da Escola, dous alumnos; sendo um do 1.º anno por vontade do pae, e o outro do 2.º anno por ter-lhe fallecido o pae e ir substitui-lo no emprego.

Tudo consta dos mappas de informações que mensalmente são remetidos ao Snr. Director Geral de Industria e Commercio.

A frequencia media annual foi de 52 alumnos, o que dá 66% ou dous terços dos matriculados, a qual julgo bem satisfactoria.

Permitti, Snr. Ministro, que eu faça algumas considerações a esse respeito.

Si, da parte dos paes, houvesse nítida comprehensão, essa media seria capaz de atingir ao proprio numero de alumnos matriculados.

Apesar de ser mensalmente enviado aos paes um boletim, scientificando-lhes do numero de faltas, aproveitamento, comportamento e applicação do alumno, e acrescentando que os professores avisam repetidas vezes aos alumnos que os paes precisam justificar-lhes as faltas, ha sempre descuido, ou melhor, descaso dos paes, e o alumno perde o anno.

O que é ainda peor é que os paes, apanhando os filhos sabendo um quasi nada do officio, retiram-nos para pol-os em officinas particulares ou a capinar as ruas, ganhando uma bagatella. Inconscientemente cortam elles assim a carreira dos filhos, atten-

do ao pouco presente e provisório, e depressando o regular ou muito, muito proximo e permanente.

E' infelizmente, um defeito de muita gente querer que uma industria, por exemplo, produza logo renda, sem se lembrar que a maior parte das vezes são precisos annos, gastando-se sempre, para depois apparecerem lucros certos e crescentes.

Póde ser que, com o correr dos annos, esse erro venha desapparecer, vendo esses paes o grande fructo colhido pelos alumnos que são assíduos. Parece-me, porém, embora não seja defensor do ensino obrigatorio, e muito menos contrario a liberdade espiritual, que si as Escolas de Aprendizizes Artifices fossem de regimen de internato, maior resultado dariam e melhores alumnos dellas sahiriam. Não são raros os alumnos que, devido a seus paes, abandonam essas Escolas.

Como internato, poderia-se obrigar aos paes não retirarem os filhos sinão depois de terem elles completado os estudos dos cursos dessas Escolas.

Demais, a instrução se faria mais proficuamente, pois, os alumnos sob a vigilancia constante do director e mesmo da familia delle, não teriam occasião de perder em instantes, quando sahem das Escolas, o que os professores consomem horas, aconselhando-os e ensinando-os. Infelizmente, ainda a escola não é a continuação da familia, realisando a maior aspiração, a grande preocupação daquelles que se empenham na solução satisfactoria do complexo e transcendente problema da educação e da instrução da infancia.

HORARIO

DAS AULAS E OFFICINAS

Em meu relatorio referente ao primeiro anno lectivo, de 1911, acha-se no annexo n.º VII o horario que organizára para o anno de 1912.

Nesse trabalho dei o numero de 6 horas, mais ou menos, de trabalho para os alumnos, ficando cada uma das tres aulas diarias com 50 minutos, que me parece um tempo necessario para o professor leccionar, pois, ha sempre uns 10 minutos que elle perde na disposiçao dos alumnos, na preparaçao da aula, emfim.

Assim, os alumnos tinham 150 minutos ou 2 horas e meia de trabalho na aula primaria e na de desenho. Nas officinas entrariam a 1 hora da tarde e 30 minutos e sahiriam às 4 horas menos 15 minutos; gastando esses 15 minutos em asseiares-se, para irem para suas casas, isto é, teriam nas officinas 2 horas e 15 minutos. Ficariam pois com 4 horas e 45 minutos de trabalho effectivo realmente, embóra, á primeira vista, parecesse que eram 6 horas, por entrarem às 10 da manhã e sahirem às 4 da tarde.

Digo 4 horas e 45 minutos de effectivo trabalho realmente, porque, na passagem de uma aula para outra, havia 10 minutos de descanso, e como ha 3 aulas, eram 30 minutos que, somados aos 30 de recreio e merenda e aos 15 para asseiares-se, dão 1 hora e 15 minutos, que os alumnos não trabalhavam.

Além disso, eu contava, e assim é, que os alumnos gastam uns 15 á 20 minutos para preparar as ferramentas e ageitar as obras em que tem de trabalhar; pois, não é nunca possivel o alumno entrar na officina e, motu continuo, ir trabalhando.

Não foi, porém, approvado esse horario por não cingir-se ao regulamento actual: organizei outro que se vê no annexo n. II, que foi então approvado, e observou-se-o rigorosamente.

Com este novo horario os alumnos ficaram nas aulas primaria e de desenho, das 10 às 12 horas e 10 minutos, e das 12 e 30 ás 2 horas e 30 minutos da tarde, nas officinas.

No terceiro anno lectivo, de 1913, em que já ha verá alumnos do 3º anno, o horario será organizado, dando aos deste anno mais tempo de trabalho que aos alumnos dos 1º e 2º annos, conforme determina o regulamento vigente. Este horario já tive a honra de enviar-vos á vossa approvaçao.

Tive forçosamente de fazer os alumnos do 3.º anno trabalharem nas officinas pouco antes de acabarem os do 1º e 2º anno os trabalhos das aulas primaria e de desenho. Depois que estes ultimos merendarem entrarão para as officinas, e sahirão depois que os alumnos do 3.º anno sahirem, isto é, depois das 2 horas da tarde. A' esta hora estes alumnos merendarão e asseiares-se-ão para ás 2 e 15 minutos entrarem nos trabalhos de aulas primaria e de desenho. Assim, pois, estas aulas serão em dous tempos e os trabalhos de officinas ficarão intermedios. E' a falta de salas para aulas e de espaços que á isso me obrigam, e a dar aos alumnos sómente 30 minutos de aula para cada materia, tempo bem pequeno.

Assim, pois, á medida que se for passando de um anno para outro, ir-se á sentindo a falta de espaço e de commodidade que offerece o edificio em que funciona a Escola, e os alumnos irão tendo menos tempo de estudo em cada aula.

No terceiro anno lectivo o horario dará aos professores sómente 30 minutos para cada aula, tempo que, repito, é incontestavelmente pequeno.

Este horario já tive a honra de enviar-vos, esperando vossa approvaçao.

AULAS E OFFICINAS

Encerrada a matricula no ultimo dia de Fevereiro, começaram os trabalhos das aulas e de officinas

em 1.º de Março, obedecendo-se fielmente o horario. Funcionaram aquellas no primeiro tempo, e estás de tarde, no segundo tempo.

Só não houve trabalhos nos dias de festa nacional ou nos dias de luto e quando, raramente, e com razão, os alumnos pediram dispensa, como no anniversario do fallecimento do inolvidavel estadista o Snr. Dr. João Pinheiro da Silva, e no anniversario do natalicio do Snr. Coronel Julio Bueno Brandão, Presidente do Estado.

Os alumnos do curso primario e de desenho, grande numero de cadernos apresentaram, em que se vê seu aproveitamento em todas as materias. e os desenhos, feitos todos á mão livre, tambem justificam as approvações que mereceram em seus exames.

Tudo isto consta de officios e copia de actas que tive a honra de remetter-vos.

A aula graciosa de musica funcionou ininterruptamente de 1.º de Março á 14 de Dezembro ultimo, quer theoreticamente, quer instrumentalmente, na banda da Escola já organizada pela respectiva professora, concorrendo para mais brilho das festas escolares.

Quanto á media de frequencia, já consta do que relatei, referindo-me á matricula, e bem se vê no annexo n. I, deste relatório.

Passando ás officinas, cumpre-me dizer-vos que nem todas trabalharam egualmente, nem os artefactos provaram o mesmo aproveitamento dos alumnos nas respectivas officinas, nem o mesmo acabamento.

A officina de marcenaria suplantou as demais pelo grande numero de obras que executou e pelo bom acabamento das mesmas.

Seguem-se as outras officinas na seguinte ordem: sapataria, carpintaria, de ferros e ourivesaria.

Os aprendizes de trabalhos em ferro não puderam produzir para dar renda liquida, visto como a officina, para attender a encomendas que depois faltaram, teve de adquirir material que importou em quantia um pouco avultada, como tive a honra de dizer-vos em meu relatório de 1911. Além disso, o mestre adoeceu e seus incommodos aggravando-se, tive de conceder-lhe licença para tratar se, como tive a honra de levar ao vosso conhecimento. sendo substituido pelo alumno do 2.º anno, José Maria do Espirito Santo Junior. Parece mesmo que o estado de saude desse mestre obrigou-o-á a pedir exoneração do cargo; é homem que tem serviços de campanha, como voluntario da Patria; mas, ultimamente acha-se cansado e, podê-se dizer, incapaz de continuar.

A officina de marcenaria, como disse acima, é a que mais produziu e maior renda liquida deu, na importância de Réis 6777\$250; e, como a renda liquida total das officinas foi de Réis 1:215\$615, se conclue, deu mais de 50 % de esta renda, ou melhor, produziu um liquido maior que a somma das mesmas rendas das officinas de sapataria, carpintaria e ourivesaria, isto é, maior que Réis 538\$365, como bem se vê no annexo n. VIII.

Os aprendizes de sapataria tambem trabalharam bem, produzindo a renda liquida de Réis 252\$335.

A de carpintaria deu a renda liquida de 186\$030, e a de ourivesaria a quantia de 100\$000, e sendo a que menos den, ficou em antagonismo com a sua natureza, que dá idéa de abundancia. Podia ter sobrepujado, pelo menos, ás de sapataria e carpintaria.

Cotejando, Sr. Ministro, estas rendas com as do anno de 1911, somente no que importa ás officinas de marcenaria, carpintaria e ourivesaria, unicaas que nesse anno deram renda liquida, ficando a sapataria com um debito de seis mil e noventa réis á União, como vem

em meu relatório desse mesmo anno, 1911, se reconhece que a marcenaria tendo dado Rs. 247\$790, e neste anno, de 1912, Rs. 677\$250, de artefactos produzidos neste mesmo anno, incluindo a quantia de 7\$000 da renda de artefactos que estiveram na exposição de 1911, se tem para o anno de 1912, exclusivamente Rs. 670\$250, isto é, quasi o triplo da renda liquida de 1911.

Para a carpintaria tem-se: em 1912, Rs. 186\$030, menos 85\$000 de artefactos que estiveram na exposição de 1911, a quantia de Rs. 101\$030 para renda liquida em 1912, exclusivamente. No anno de 1911, essa renda liquida foi de 28\$820, isto é, muito menos.

Para a ourivesaria tem se: em 1912, Rs. 100\$000, menos 92\$500 da renda de artefactos que figuraram na exposição de 1911, resta a quantia de Rs. 7\$500, para a renda liquida de 1912, exclusivamente.

No anno de 1911 sua renda liquida foi de Rs. 6\$320; o augmento, pois, na renda liquida dessa officina no anno de 1912, foi de 1\$180, que é crível, porque a Arithmetica é que nos diz.

Snr. Ministro, com a devida venia, peço a V. Ex. attenção para as seguintes casualidades que esta officina offerece:

Constancia na renda liquida de 1911 e 1912; o que, por indução, se pode diser: será sempre constante a sua renda, em todos os annos. E a quantia 1\$180 é pouco mais ou menos o que tocou ao mestre em 1911, isto é, as 4 partes a que tinha direito, segundo o regulamento antigo das Escolas de Aprendizizes Artifices. O que acabo de dizer-vos sobre a ourivesaria não é nada favoravel ao respectivo mestre.

Tomando-se os mesmos 100\$000, vê-se que mensalmente a officina rendeu 10\$000. e como pode haver 25 dias de trabalho num mez, a renda diaria foi de 400 réis, quantia que nem salva a despeza da União com a diaria dos aprendizes dessa officina.

Passo agora a examinar a sapataria.

No anno de 1911 ficou devendo à União a quantia de 6\$090; em 1912 deu Rs. 252\$335 de renda liquida, da qual deduzindo-se a quantia de 39\$000 da venda de artefactos que figuraram na exposição de 1911, tem-se Rs. 213\$335. Prova, pois, como disse, ter trabalhado bastante, e dever ser collocada immediatamente abaixo da marcenaria.

Devo fazer vos notar que tudo isso que acabo de relatar consta dos mappas de informações mensaes, e de artefactos que ininterruptamente tenho remettido ao Sr. Director Geral da Industria e Commercio, em cumprimento de sua Circular.

Do balancete que dei do debito e credito das officinas no fim do anno de 1912. cumprindo o regulamento vigente, reconheci que o debito total é de Rs. 2:449\$665, e o credito de 2:555\$565.

O debito da officina de ferros importa em Rs. 1:542\$180, que representa a somma de seus debitos de 1911 e 1912, isto é, 1:444\$880 mais 97\$300; e seu credito é de Rs. 432\$465. Fica, portanto, esta officina com o debito, até-o fim de 1912, de Rs. 1:109\$715, por ter produzido neste mesmo anno 432\$465, como digo acima. São causas desse debito as que antes vos relatei; e parece ser necessaria a substituição do respectivo mestre, quer elle pessa, quer não, a sua exonerção.

Fazendo exclusão dessa officina, quanto ao seu debito e sua produção, se tem para o debito das 4 outras a quantia de Rs. 907\$485, e sendo a produção total dessas mesmas officinas Rs. 2:123\$100, resulta que deram a renda liquida de Rs. 1:215\$615, como vos disse antes, no assumpto de que me occupo; a qual distribue-se por essas 4 officinas, conforme se vê acima.

Os artefactos que foram expostos pelas cinco officinas em 1912, representam o valor de Rs. 367\$700, e distribue-se assim: carpintaria, 119\$400; sapataria 92\$000; officina de ferros, 91\$100; marcenaria, 36\$600 e ourivesaria, 28\$600. E' esta officina ainda que se distingue, expondo menor valor.

Cumpre-me tambem relatar-vos que muitos artefactos das officinas de carpintaria e marcenaria foram, bem como da de ferros, para a propria Escola, que tambem se utilizou da ourivesaria.

Sobre a produçao das officinas devo dizer-vos, Snr. Ministro, que, quando os devedores são pessoas particulares, arrecado-lhes o debito. Si, porém, é a Escola, arrecado no fim do anno da Delegacia Fiscal, quando as officinas não estão em debito com a União, isto é, quando estão quites.

Assim, a renda bruta arrecadada foi de reis....: 2:392\$105, e della deduzindo-se reis 1:215\$615, que é a renda liquida, resta a quantia de reis 1:176\$490, que se acha em poder da directoria para cumprir o art. 20, § 1.º do regulamento vigente, salvo deliberação de V. Ex., em contrario.

Snr. Ministro, cumprindo o art. 20, § 2.º do regulamento vigente, approvedo pelo Decreto n. 9.070 de 25 de Outubro de 1911, tirei 15% da renda liquida.. 1:215\$615, isto é, 182\$331, e separei-a em duas partes: uma 121\$560 ou 10% da mesma renda liquida e distribui, como premio aos alumnos, tocando 10\$000 aos de ourivesaria; 25\$223 aos de sapataria; 67\$725 aos de marcenaria, e 18\$602 aos de carpintaria.

A outra parte 60\$771 ou os 5% da mesma renda liquida, foi depositada na caderneta n. 22.430 da Associação Cooperativa e de Mutualidade entre os alu-

mnos da Escola, para fazer parte dos fundos da mesma Associação, como determina o art 14, alinea c das rescriptivas Instruções, por V. Ex. approvedas em 7 de Agosto de 1912.

Tudo isso consta de officios e copia da acta da sessão solemne da distribuição de premios, etc., do anno de 1912 remettidos ao Snr. Director Geral da Industria e Commercio, a quem pedi me desse a honra de levar ao vosso conhecimento.

Tambem podeis ver nos annexos ns. V, VI, VII, VIII e XI deste relatorio.

Cumpre-me ainda dizer-vos que, deduzidos da renda liquida das officinas, seus 15%/, restou a quantia de reis 1:033\$284; recolhi á Delegacia Fiscal do Theouro Nacional, neste Estado, esta quantia, de accordo com o art. 20, § 2.º do regulamento vigente das Escolas, no dia 21 de Janeiro de 1913, como consta do officio n. 25 dessa mesma data, e do talão n. 136 de recibo da Caixa Geral, archivado na Escola, conforme sci entifiquei nesse mesmo officio ao Snr. Director Geral de Industria e Commercio

Conforme se acha em meu relatorio de 1911, em 15 de Julho desse mesmo anno, depozitei na Caixa Economica Federal, neste Estado, as quantias: 20\$700, da marcenaria, caderneta n. 20.730, 100\$500, da sapataria, caderneta n. 20.731, e 3\$400, da officina de ferros, caderneta n. 20.732.

Dado o balanço no fim do 2. semestre de 1911, reconheci que a marcenaria ficou quite com a União, e bem assim a carpintaria e a ouriveraria, e todos estas tres deram renda liquida, coma consta do mesmo relatorio; ficando porém, a sapataria ainda com o debito de 6\$090, e a de ferros tambem ficou com debito.

Tratei, pois, de pôr, em 9 de Fevereiro de 1912, nas cadernetas da sapataria e de ferros a que eu havia arrecadado de particulares e a ellas pertencente, isto é, 84\$750 na de ferros, e 223\$300 na de sapataria.

Ficaram, pois, estas duas officinas, respectivamente, com as quantias de 88\$150 e 323\$300, em suas cadernetas, vencendo juros até 4 de Dezembro de 1912.

Em 19 de Fevereiro de 1912 liquidei a caderneta da marcenaria, e entrei com a quantia nella existente, e com a de ourivesaria e da carpintaria, que tinham sido arrecadadas de particulares, para a Delegacia Fiscal do Thesouro Nacional, neste Estado, em 5 de Março de 1912, dando o total de 47\$410, como consta do talão de recibon. 70, da Caixa Geral, e acha-se archivado na Escola.

Em 4 de Dezembro de 1912 liquidei as cadernetas da sapataria e da officina de ferros, conforme tive a honra de levar ao vosso conhecimento, em officio.

A sapataria tinha a quantia de 323\$300 e rendeu 15\$900; e a de ferros tinha 88\$150 e rendeu 3\$400. A de marcenaria havia rendido 500 reis.

Em o officio n. 349 de 14 de Dezembro de 1912, tive a honra de levar tudo isso ao vosso conhecimento e consultar sobre o que devia fazer desses juros, opinando para que fossem revertidos em beneficio da Associação de Mutualidade.

O Snr. Director Geral de Industria e Commercio, em officio n. 926, de 31 de Dezembro desse mesmo anno, dignou-se de communicar-me a deliberação vossa em resposta ao meu officio supra-citado, dando-me ordem para que eu addisse ás quantias que tinham sido depositadas na Caixa Economica Federal, os juros acima mencionados.

Cumprindo essa ordem, devo dizer-vos que a sapataria ficou com a quantia de reis 339\$200, e a officina

na de ferros com reis 91\$550; e a marcenaria com 500 reis.

Acha se, pois, em meu poder a quantia total de reis 431\$250 pertencente a essas officinas, além da quantia de reis 1:176\$490 que, como acima disse, tambem se acha em meu poder.

Tudo isso podereis ver, em resumo, no anexo n. VIII.

Snr. Ministro, é me forçoso dizer que, de accordo com o que expendi, relativamente ás officinas, em meu relatório de 1911 e com o que neste se acha, precisam ser substituidos os mestres das officinas de ourivesaria, e de ferros, e estou certo que commigo tambem haveis de entender.

A Escola precisa de mestres muito activos, que comprehendam nitidamente seus deveres, e esforcem-se para fazer suas officinas desenvolverem-se, mostrando cada um a importancia, a utilidade e a razão de ser da existencia dellas.

Infelizmente, quasi sempre, só o tempo pode manifestar a competencia e o merecimento moral dos mestres; é o que a mim aconteceu.

COMMEMORAÇÃO DAS FESTAS NACIONAES E ESCOLARES

Passando a tratar das Festas Nacionaes e Escolares, devo scientificar-vos, Snr. Ministro, que os professores na occasião do ensino fizeram preleções a proposito dos dias: 21 de Abril, 3 de Maio e 13 deste mesmo mez, 14 de Julho, 7 de Setembro e 12 de Outubro, etc., accentuando aos alumnos a importancia dessas da-

tas e a justa causa que levou a nossa Constituição consideral-as de Festa Nacional.

No dia 11 de Julho, achando-se esta Capital em justa festa, por ser a data do natalicio do Snr. Presidente do Estado, accompanhei o enthusiasmpopular, tornando facultativo o ponto nesta Escola em signal de regosijo. Nomeei uma commissão formada do professor de desenho, do escripturario e do mestre de marcenaria, para acompanhar a procissão civica que saudou o Snr. Presidente do Estado, e representar a Escola. Com todo o pessoal e alumnos fui pessoalmente incorporado ao povo na prova de applauso ao Governo do benemerito Estadista.

No dia 7 de Setembro, presentes todo o pessoal da Escola e alumnos, fiz-lhes uma ligeira preleção, em que salientei os principaes propugnadores fesses grande acontecimento politico que nos abriu as portas da autonomia, como Nação independente, e procurei destacar o vulto eminente do patriarcha José Bonifacio de Andrada e Silva, não esquecendo de lembrar o poderoso auxilio que lhe prestou a archiduguesa d'Austria, D. Leopoldina.

ANNIVERSARIO DA INSTALLAÇÃO DA ESCOLA

A Escola installou-se no dia 8 de Setembro de 1910: portanto, o dia 8 de Setembro de 1912 marcava o 2.º anniversario desse acontecimento, e não podia deixar de ser essa data de grande contentamento para os que trabalhavam na Escola e para seus alumnos. Renni, pois, estes e o pessoal funcionario, o em presença de todos, obedecendo o sentimento de justiça, tornei bem sahnientes os beneficios que vindes prestando ás Escolas de Aprendizizes Artificees, justiça que melhor fará a Posteridade, abençoando-vos o nome e os dos vossos illustres antecessores e do Presidente da Republica de en-

tão, Snr.Dr. Nilo Peganha que teve a gloria de crear esses bemitos centros de educação e de instrução, donde ha de surgir uma nova geração de operarios que honrará a Republica e trabalhará em prol da paz e prosperidade della.

Chamei a attenção de todos para um facto da maior nota: assignalar-se cada anniversario por um bem que as Escolas recebem do Governo da União, e concitei os alumnos a serem gratos e reconhecidos, applicando-se aos officios, afim de que se tornassem competentes, dignos e honrados filhos do Trabalho, e ficassem certos de que seriam abençoados pela Patria, como cooperadores de sua grandeza e de seu progresso.

Entre vivas enthusasticos á Republica, ao Chefe da Nação, ao Presidente do Estado e á V. Ex. deu-se fim á esta festa.

PROCLAMAÇÃO DA REPUBLICA

A gloriosa data, 15 de Novembro, foi de grande regosijo para todos desta Escola, não só por lembrar um acontecimento politico da maior importancia para todos os Brasileiros pelo modo por que se deu, unico, e virgem nos annaes das revoluções, em que os anathemas e maldições se substituiram por vivas e bençãos, e as balas e bayonetas se mudaram em flores, como por ser o segundo anniversario da ascenção do Snr. Marechal Hermes da Fonseca á elevadissima posição de Presidente da Republica, tendo V. Ex. á seu lado, como um de seus mais dignos Ministros de Estado.

FESTA DA BANDEIRA

O desenove de Novembro, que marca o anniversario da promulgação do Decreto que instituiu a nossa



tas e a justa causa que levou a nossa Constituição consideral-as de Festa Nacional.

No dia 11 de Julho, achando-se esta Capital em justa festa, por ser a data do natalicio do Snr. Presidente do Estado, accompanhei o enthusiasmpopular, tornando facultativo o ponto nesta Escola em signal de regosio. Nomeei uma commissão formada do professor de desenho, do escripturario e do mestre de marcenaria, para acompanhar a prociissão civica que saudou o Snr. Presidente do Estado, e representar a Escola. Com todo o pessoal e alumnos fui pessoalmente incorporado ao povo na prova de applauso ao Governo do benemerito Estadista.

No dia 7 de Setembro, presentes todo o pessoal da Escola e alumnos, fiz-lhes uma ligeira preleção, em que salientei os principaes propugnadores desse grande acontecimento politico que nos abriu as portas da autonomia, como Nação independente, e procurei destacar o vulto eminente do patriarcha José Bonifacio de Andrada e Silva, não esquecendo de lembrar o poderoso auxilio que lhe prestou a archi-duquesa d'Austria, D. Leopoldina.

ANNIVERSARIO DA INSTALLAÇÃO DA ESCOLA

A Escola installou-se no dia 8 de Setembro de 1910: portanto, o dia 8 de Setembro de 1912 marcava o 2.º anniversario desse acontecimento, e não podia deixar de ser essa data de grande contentamento para os que trabalhavam na Escola e para seus alumnos. Reuni, pois, estes e o pessoal funcionario, o em presença de todos, obedecendo o sentimento de justiça, tornei bem sahientes os beneficos que vindes prestando ás Escolas de Aprendizizes Artifices, justiça que melhor fará a Posteridade, abençoando-vos o nome e os dos vossos illustres antecessores e do Presidente da Republica de en-

tão, Snr. Dr. Nilo Peçanha que teve a gloria de crear esses bemitos centros de educação e de instrução, donde ha de surgir uma nova geração de operarios que honrará a Republica e trabalhará em prol da paz e prosperidade della.

Chamei a attenção de todos para um facto da maior nota: assinalar-se cada anniversario por um bem que as Escolas recebem do Governo da União, e concitei os alumnos a serem gratos e reconhecidos, applicando-se aos officios, afim de que se tornassem competentes, dignos e honrados filhos do Trabalho, e ficassem certos de que seriam abençoados pela Patria, como cooperadores de sua grandeza e de seu progresso.

Entre vivas enthusasticos á Republica, ao Chefe da Nação, ao Presidente do Estado e á V. Ex. deu-se fim á esta festa.

PROCLAMAÇÃO DA REPUBLICA

A gloriosa data, 15 de Novembro, foi de grande regosio para todos desta Escola, não só por lembrar um acontecimento politico da maior importancia para todos os Brasileiros pelo modo por que se deu, unico, e virgem nos annaes das revoluções, em que os anathemas e maldições se substituiram por vivas e benções, e as balas e bayonetas se mudaram em flores, como por ser o segundo anniversario da ascenção do Snr. Marechal Hermes da Fonseca á elevadissima posição de Presidente da Republica, tendo V. Ex. á seu lado, como um de seus mais dignos Ministros de Estado.

FESTA DA BANDEIRA

O desenove de Novembro, que marca o anniversario da promulgção do Decreto que instituiu a nossa

Bandeira, foi condignamente commemorado por todos desta Escola.

A's 11 horas da manhã desse dia, reunidos todo o pessoal e alumnos da Escola, chamei-lhes a attenção para a grandiosidade dessa festa, e que dedicassem o maior carinho e respeito ao sagrado symbolo da Patria.

Em seguida, ás 12 horas precisas, dous dos mais distinctos alumnos hasteraram a Bandeira que enthusias-tica e delirantemente foi saudáda com vivas e palmas.

Ao som do hymno á Bandeira, executado pela banda da Escola, foi elle cantado pelos alumnos, sob a regencia da professora graciosa de musica, Senhorita Honorina Flôres que teve assim occasião de tornar patente o aproveitamento de seus discipulos, pelo que, tem-se mostrado incansavel.

DISTRIBUIÇÃO DE PREMIOS E INAUGURA.

ÇÃO DA 2ª EXPOSIÇÃO

Esta bella festa realisou-se logo após aos exames, em 29 de Dezembro ultimo, á 1 hora da tarde, na mesma Escola.

A sessão solemne, cuja acta, em copia, tive a honra de enviar-vos, Snr. Ministro, acompanhando meu officio n. 381, do mesmo mez, de Dezembro, foi presidida pelo eminente Snr. Dr. Delfm Moreira, digno Secretario do Interior, tendo a sua direita o Snr. Dr. Carlos Pinto, representando o Snr. Dr. José Gonçalves, Secretario dos Negocios da Agricultura do Estado, e a esquerda o Snr. Coronel Vieira Christo, representando o Snr. Coronel Julio Bueno Brandão, dignissimo Presidente do Estado.

Snr. Ministro, senti-me bem em presença dessa trindade que, honrando a Escola, manifestava em sua

physionomia a justa sentença que havia de ser lavrada ao humilde director. Exhultei de contentamento porque benigna e generosamente fui julgado, como abaixo vereis pela transcripção das palavras de que usou o competente Snr. Dr. Delfm Moreira, em seu eloquente e sentencioso discurso, ao encerrar a sessão.

Grande numero de pessoas gradas e representantes de todas as classes sociaes, muitas familias, professores de diversos estabelecimentos de instrucção da Capital, e todos os alumnos vieram, com a sua presença, trazer grande conforto ao vosso modesto auxiliar.

Aberta a sessão, foi-me concedida a palavra, e esquecendo-me da penumbra da minha existencia, esforcei-me por destacar cada um dos motivos da festa que se celebrava, e, á medida que elles eram sendo expostos, o objectivo tornava-se visto. Foi assim que, primeiro appareceu a vossa ephigie impondo respeito e sympathia a todos nós, e nesta Escola continuará a influenciar-nos esses sentimentos.

Depois de ser entregue, pelo Presidente da sessão, o estandarte da Escola aos alumnos, seguiu-se o hymno ao estudo por elles cantado com acompanhamento de piano pela Senhorita Amneris Flôres, e dirigidos pela sua irmã, professora graciosa de musica, Senhorita Honorina Flôres.

Esta professora que, desde Abril de 1911, lecciona musica aos alumnos, empregando os maiores esforços para levar-los a formar a banda de musica escolar, sem outro interesse que o amôr á arte, recebeu uma batuta ornada de prata, com dedicatória, que os alumnos lhe offerteram, como signal de gratidão.

Seguiu-se a distribuição de premios que constaram: da medalha de ouro que no anno 1911 institui para ser conferida ao alumno que se distinguisse por seu aproveitamento e bom proceder nas officinas e alcançasse nota optima em todos os cursos da Escola; e a medalha

premio «Bittencourt da Silva», que foi conferido ao aprendiz José Maria do Espirito Santo Junior, o mesmo que teve de substituir o mestre da officina de ferros durante o tempo que esteve com licença para tratar da saúde, conforme tive a honra de levar ao vosso conhecimento.

Outras medalhas, em numero de 10, de prata, foram conferidas a outros tantos alumnos, sendo uns do 1.º anno e outros do 2.º, cujos nomes se acham no anexo n. IV.

Houve premios de livros, todos de utilidade real, quer nas officinas, quer nas aulas primaria e de desenho; os quaes foram distribuidos a 21 alumnos, cujos nomes se acham no anexo n. IV.

As medalhas foram collocadas ao peito dos alumnos pelo representante do Presidente do Estado e pelo representante do Secretario da Agricultura.

Quanto aos premios pecuniarios, foi cumprido o art. 20, § 2.º do regulamento vigente das Escolas, e couberam a 27 alumnos, sendo: 9 de marcenaria, 8 de ourivesaria, 5 de sapataria e 5 de carpintaria. Seus nomes com os valores respectivos dos premios se acham no anexo n. V.

Ao terminar esse acto, a Senhorita Honorina Flôres executou ao violoncello acompanhada ao piano por sua irmã, Senhorita Amneris Flores, um bellissimo sólo, e foram muito applaudidas

Antes de encerrar a sessão, o Snr. Dr. Delfim Moreira, que já havia examinado todas as officinas e os trabalhos dos alumnos que estavam expostos na officina de marcenaria, por não poder eu dispor de outro logar, usou de sua palavra eloquente, dissertando sobre o ensino profissional.

Salientou os inavaliaveis serviços que, em prol da palpitante solução do importantissimo problema da concórdia entre o Capital e o Trabalho, pertenciam, em-

inicio, ao Marechal Floriano Peixoto e ao Dr. Nilo Peçanha, e declarou achar-se convicto de que em breve não haveria mais a rivalidade entre esses dois factores do engrandecimento da Nação, devido à recta orientação dos governos, manifestada pela criação das Escolas de artes e officios, e pela protecção que a ellas iam prestando.

Referindo-se à Escola do Estado, disse o Snr. Dr. Delfim Moreira, que congratulava-se com o Club «Floriano Peixoto» que pressuroso foi em oferecer sua casa para nella ser installada a Escola. A' todos os presentes fazia sentir que agradabilissima lhe era a impressão de tudo que acabára de observar na Escola de Aprendizizes Artifices do Estado, e retirava-se certo de que sua direcção se fazia com perfeito conhecimento do ideal da grandiosa criação dos Institutos Profissionais.

Com a vossa devida venia, Snr. Ministro, reproduzo aqui, continuando, o que a respeito da minha obscura personalidade disse o mesmo Estadista:

Ao director da Escola, era com grande prazer que dava seus parabens por tudo que teve occasião de observar, e que, as expressões do discurso que acabara de ouvir-o pronunciar, bem patenteavam o seu interesse pela Instituição e grande amor aos aprendizes.

Foram então saudados com entusiasticos vivas: o Snr. Marechal Hermes da Fonseca, o Presidente do Estado, V. Ex., o Snr. Dr. Delfim Moreira e o Snr. Dr. José Gonçalves.

As Senhoritas Amneris e Nair Flores executaram à 4 mãos ao piano a symphonia do Guarany, do primeiro maestro brasileiro, o inolvidavel Campinense, Carlos Gomes, cuja ephigie tambem fôra ornamentada carinhosamente.

Encerrada a sessão, levantaram-se todos, e o Snr. Dr. Delfim Moreira dignou-se de inaugurar a 2.ª expo-

sição dos trabalhos dos alumnos, ao som de bella musica executada sob a magistral direcção do Snr. Francisco Flores que, com todos os seus dignos filhos, em conjuncto, generosamente offereceu-se para auxiliar-me nessa festa.

Quando a todos agradei terem vindo honrar a Escola, dirigi-me tambem ao maestro Francisco Flores, dizendo que muito me desvanecia o honroso concurso que mais uma vez elle me prestava, comparcendo com seus dignos filhos para, em conjuncto musical, tornar mais brilhante e encantadora a festa deste dia.

Infelizmente, por adoecerem dons alumnos que fazem parte da banda da Escola, não foi possível aos outros tocarem.

EXAMES

Effectuaram-se os exames logo depois do encerramento das aulas e das officinas, de 16 á 21 de Dezembro do anno findo.

De accordo com o art. 34 do regulamento vigente, convidei a professora do 2.º grupo escolar do Estado, Exma. Snra. D. Maria da Conceição Netto, para, com a professora e a adjunta do curso primario da Escola, examinar os alumnos; e o professor Snr. José Mamede da Silva, para, com o professor e adjunto do curso de desenho, examinar os mesmos alumnos. tomando esse mesmo professor para os exames de promoção nas officinas, com os respectivos mestres.

Como disse, quando tratei da matricula, inscreveram-se 78 menores; dos quaes só 43 tiveram de fazer exame. Destes, dons não compareceram, por doença; ficaram, pois, só 41 sujeitos a exames.

Dos alumnos que compareceram, nenhum foi reprovado, e tres passaram para a 2ª classe do 1.º anno.

Para o 2.º e 3.º annos passaram os 38 restantes; sendo para o 2º anno, 20, e para o 3º 18.

O resultado dos exames foi bem satisfatorio, pois, houve muitos alumnos approvados com distincção e até com louvor, por seu comportamento. No anexo n. III, vereis o resultado dos exames.

Tudo consta de copia das actas que remetti ao Snr. Director Geral da Industria e Commercio.

Na aula de musica os alumnos fizeram exame só de aproveitamento, e o resultado foi satisfatorio.

As mesas examinadoras ficaram assim organisadas: Instrucção primaria: as professoras, a que convidei, e eu, como presidente.

Curso de desenho: os professores, o Snr. Mamede da Silva, e eu, como presidente.

Para promoção nas officinas: o mestre respectivo, o Snr. Mamede e eu.

Os exames de aproveitamento na aula de musica tambem foram presididos por mim e a professora examinou os alumnos.

Para a Instrucção Primaria e Desenho organisaram-se pontos para a prova escripta de cada materia. Para desenho não houve pontos oraes.

Os pontos escriptos foram em numero de tres para ser um tirado a sorte.

O quadro de Honra ficou formado com 15 alumnos, dos quaes alguns fizeram parte desse quadro no anno de 1911.

As condições que estabeleci para que o alumno occupasse o quadro de Honra foram notas optimas em todas as provas de exame e o bom comportamento. Esses alumnos, em maioria, foram premiados com medalha de prata.

Dos alumnos do quadro de Honra, 6 eram do 1.º anno, cujos nomes são os seguintes:

Arthur de Moura Lima, Aristhen Bandeira de Mello, Luiz Prisco Moreira Junior, Antonio Pires Baptista de Moraes, Eduardo Siqueira da Costa e Ramiro Rosa da Silva.

Pertenciam ao 2.º anno os seguintes alumnos:

José Maria do Espirito Santo Junior, Raymundo Scotti, Thomé Dias Taxa, José Santini di Bernardi, Angelo Constantino Lasafá, José de Avila Brandão, José Honorio dos Santos, Henrique Rodrigues Gomes, e Antonio Gomes Pardo.

Os exames de promoção nas officinas deram o resultado seguinte:

Marcenaria:

para o 2.º anno foram promovidos dous alumnos em 1.º logar; 1 em 2.º; 1 em 3.º e 1 em 4.º logar.

Para o 3.º anno: 2 em 1.º logar, e 3 em 2.º.

Sapataria:

para o 2.º anno: 2 em 1.º logar; 2 em 2.º, e 1 em 3.º logar.

Para o 3.º anno: 2 em 1.º logar, e 1 em 2.º.

Carpintaria:

para o 2.º anno: 2 em 1.º logar; e 2 em 2.º.

Para o 3.º anno: 1 alumno, o unico, obteve nota optima.

Officina de ferros:

para o 2.º anno: 1 em 1.º logar; 2 em 2.º; 1 em 3.º e 1 em 4.º logar.

Para o 3.º anno: 1 em 1.º logar; 1 em 2.º; 2 em 3.º e 2 em 4.º logar.

Ourivesaria:

para o 2.º anno: 2 em 1.º logar; 2 em 2.º e 1 em 3.º logar.

Para o 3.º anno: 2 em 1.º logar e 1 em 2.º.

Terminando aqui o que julgo necessario informar-vos, relativamente ao resultado dos exames effectuados

nesta Escola, aproveito o logar para levar ao vosso conhecimento a gratissima circumstancia seguinte:

A matricula encerrando-se com 78 alumnos inscriptos, por não permitir o edificio que maior numero fosse admittido, muitos delles deixaram de fazer exame, é verdade; porém, não tive de passar pelo desgosto cruel de ter-se dado qualquer desastre em nenhum aprendiz, nem a morte arrebatado a meu affecto.

Esta circumstancia, Snr. Ministro, é-me tanto mais grata, quanto ter-se dado ella no anno de 1912, como reprodução do de ensaio e do primeiro lectivo. Em tres annos, pois, é-me dada essa felicidade: agito-me e a Humanidade conduz-me.

Para essa circumstancia se ter realisado, não deixou, sem duvida, de concorrer, como principal factor, a grande vigilancia dos mestres de marcenaria, principalmente, e da officina de ferros, pois, são elles os que lidam com machinas perigosissimas, e ferramentas que exigem do operario o maior cuidado.

Oxalá, assim corram os mais annos que á este succederem!

PESSOAL DOCENTE E ADMINISTRATIVO

Comego tratando do pessoal docente.

Continúa elle formado dos seguintes funcionarios: Professora D. Thereza Barbosa do Amaral e adjunta D. Zulmira Mendonça, do curso primario; professor Augusto Berardo Nunan e adjunto Manoel Penna, do curso de desenho.

Os mestres de officinas são ainda os mesmos:

José Candido dos Santos, de marcenaria; José Carlos Ferreira, de Sapataria; João Baptista da Silva Castro, da officina de ferros; e mais os de carpintaria e de ourivesaria.

O adjuncto Manoel Penna, foi nomeado por portaria de 20 de Maio de 1912; tomou posse e entrou em exercicio em 28 do mesmo mez.

O pessoal docente dos cursos theoreticos ainda manifestou que não arrefecêra sua dedicação, antes, bem patentes tornaram maiores esforços. Da maioria dos de aprendizado devo o mesmo dizer.

Os trabalhos dos alumnos feitos em aulas durante o anno, e as provas de exames bem provaram o zelo e competencia dos professores.

O adjunto de desenho não deu falta alguma desde que entrou em exercicio até o encerramento das aulas.

A professora e a adjuncta do curso primaria deram algumas faltas, por doença; e as faltas do professor de desenho foram devidas a achar-se elle como jurado no Tribunal do Jury. A' este professor devo a gentileza da pintura da allegoria que se vê no estandarte da Escola, trabalho que foi julgado digno do autor.

Posso, pois, dizer-vos que todos os professores foram assiduos, e sustentaram o juizo que sobre elles exertei em meu relatorio de 1911.

Passo á parte do pessoal docente formado pelos mestres de officinas. Sobre elles não posso, infelizmente, expressar-me em relação a todos os mestres, como acabo de fazer aos professores; pois, não pude examinar-me de applicar a alguns a pena de admoestação, e até de suspensão a um delles por sua insistencia na falta de cumprimento de seus deveres.

A justiça, Sr. Ministro, é penso, a maior virtude, a principal qualidade que precisa ter, quem toma sobre si a responsabilidade de dirigir uma Repartição Publica, principalmente no estado actual das cousas, em que

se reflecte por toda parte o aspecto terrivel de invasão geral da anarchia moral, intellectual e politica.

Parece que tudo marcha para inversão da ordem social, e é, pois, necessario que os chefes deem exemplo do cumprimento dos deveres, sejam energeticos, revistam-se da couraça de honorabilidade, para que possam repellir o contagio dos sentimentos anarchicos e absolutamente não admittam que os serviços sob sua responsabilidade, quer directa, quer indirecta, venham a prejudicar-se pela anarchia de que já se acham invadidos os seus inferiores. Emfim, é indispensavel que os chefes não consintam que os cheffados se lhes tornem chefes, isto é, que a ordem social não seja destruida.

E' assim pensando, é baseado na justiça que devo relatar-vos os principaes factos referentes á essa parte, a mais delicada de todo o presente relatorio; prosigo pois:

De todos os mestres, os que mais se distinguiram por sua actividade e zelo, foram os de marcenaria e de sapatearia.

Cabe, porém, o primeiro logar ao de marcenaria que, desde o anno de ensaio, 1910 até o 2.º lectivo, 1912, vem sempre mostrando sua competencia, zelo, interesse e fidelidade ao cumprimento rigoroso de seus deveres; sua assiduidade tem sido tal que só teve uma falta durante quasi 3 annos de exercicio, quer como contratado, quer depois de nomeado por Portaria de V. Ex. Emfim, é um mestre que tenho o grande prazer de louvar.

O mestre de sapataria, pelos esforços que empregou para o desenvolvimento de sua officina e pelo cumprimento de seus deveres, é collocado em segundo logar. Deu tres faltas, por doença.

Já estou providenciando a compra de uma machina de coser sóla para essa officina, por ser de mi-

ta necessidade. Não tratei disso antes, porque era conveniente que os alumnos começassem fazendo esse trabalho à mão e podessem julgar, por si mesmos, a vantagem de machinas numa officina: cansar muito menos e produzir muito mais.

O mestre da officina de ferros, embora tenha competência, falta-lhe actividade, visto já ter idade avançada e ser doente.

Obteve licença por 15 dias para tratar de saude que, com o trabalho pesado da officina e sem poder contar com contra mestre, pois não tem a media de frequencia exigida pelo regulamento vigente das Escolas, sua saude, repito, tem sido muito prejudicada. Tal como os mestres de marcenaria e de sapataria, compareceu sempre antes da hora regimental de comecem os trabalhos de officinas.

Este mestre já prestou grandes serviços à Nação, quer nas officinas da Estrada de Ferro Central, quer nas do Arsenal de Marinha, e até serviços de guerra prestou, na campanha do Paraguay, como voluntario da Patria, em todo o periodo de 1865—1870. E', pois, um mestre que merece relevancia.

Actualmente, porem, que seu estado de saude se tem aggravado, não é conveniente a sua permanencia na Escola, como mestre de officina, principalmente da que é por elle dirigida, que exige muita saude e actividade para que desenvolvese e progrida. O grande debito que ainda apresenta a sua officina já teria sido solvido, e não pequena renda liquida daria em 1912, si não fossem as causas, Snr. Ministro, que acima apresentei-vos.

Para esta officina comprei uma machina de furar, porque, a que havia é fraca e já soffren conserito, não podendo dar o mesmo resultado que a adquirida, que é regularmente possante.

Este mestre pretende pedir exoneração para aposentar-se; precisa e deve ser-lhe concedida. E como, sobretudo, devo attender ao serviço publico e ao aproveitamento dos aprendizes, sou forçado, bem contra gosto, a dizer-vos que elle não pôde continuar nas funções que ora exerce. Si, por ventura, elle não pedir exoneração, vos propol-a-ei por sua incapacidade physica

Quanto ao mestre de carpintaria devo dizer-vos que é trabalhador, embora sua competencia deixe a desejar; é assiduo, mas não reune outras qualidades, como venho reconhecendo, e são necessarias para servir de exemplo aos que com elle aprendem.

Si tambem este não pedir exoneração, como julgo que deseja, vos propol-a-ei tambem.

Passando, finalmente, ao mestre de ourivesaria, limito-me a nada mais accrescentar ao que já tive a honra de informar-vos em varios officios.

Como consta dos diversos mappas de informações, e de artefactos das officinas que, mensalmente, tenho remetido ao Snr. Director da Industria e Commercio, acha-se bem patente que houve officinas, cujas rendas liquidas foram augmentadas em 1912 pela importancia resultante da venda de artefactos expostos e produzidos em 1911; e ha uma que, si não fosse essa circumstancia, sua renda liquida seria a mesma de 1911, como explico na secção «Anlas e Officinas», e verifica-se no anexo n. VIII.

Snr. Ministro, para mais facilmente julgardes dos mestres, apresento no anexo n. VI os artefactos produzidos nas cinco officinas da Escola, e no anexo n. VII os que por ellas foram expostos no anno findo, não deixando de examinardes o anexo n. VIII.

Ha officinas que, por sua natureza, precisam apresentar renda líquida que sobrepuje a de outras; está neste caso uma ourivesaria, desde que haja competência, zelo, gosto artistico e actividade de quem a dirige; pois, a vaidade, factor que poderosamente a auxilia, existe de todo sempre, e parece que se vae appurando.

Enfim, as officinas precisam de mestres que satisfacçam a todas essas condições e que se interessem vivamente pelo desenvolvimento dellas. Os mestres têm de agir, ainda que haja na Escola um mostruario em que as obras que se torem fazendo sejam expostas; pois, esses mostruarios só servirão para ajudar a actividade dos mestres, como preconicio. Tratando-se então de uma Escola, como a que me cabe dirigir, a actividade dos mestres mais precisa se torna; ella é tudo.

Snr. Ministro, estou certo que, com a substituição de alguns dos mestres actuaes, completada com a mundaça de casa, esta Escola se tornará capaz de melhor justificar exuberantemente a não pequena despesa que a União com ella faz annualmente.

Passo agora a occupar-me da professora graciosa de musica, e muito propositalmente, porque este ensino não faz parte dos cursos da Escola, como bem se vê não cogitar delle o regulamento vigente, guardei-me para, por ultimo, della tratar.

Embora, como acabo de dizer, não seja a musica exigida, nem, ao menos, indicada facultativa no regulamento das Escolas de Aprendizizes, permiti, Snr. Ministro, que tambem tenha a honra de relatar-vos o que se refere á sua professora.

Em meu relatório de 1910, apresentando razões que justificavam a criação facultativa do estudo de musica na Escola, dignastes-vos de aceitá-las, auctori-

zando-me a aproveitar o offerecimento da Senhora Honorina Flores. a cujo cargo se acha esse ensino desde Abril de 1911.

Pela competencia e assiduidade dessa professora, a Escola já conta com uma pequena banda de musica que, como vos disse na secção «Festas Nacionaes e Escolares», concorren para tornar mais solemne e encantadora a festa da Bandeira, acompanhando os alumnos no canto do hymno á Bandeira, e si não fosse terem adoecido dous alumnos que fazem parte da banda escolar, de muito serviria seu concurso na solemnidade da inauguração de vossa ephigie e da distribuição de premios.

Os alumnos têm mostrado grande aproveitamento que foi comprovado no exame que prestaram e verificase pela copia da acta desse exame que remetti ao Snr. Director Geral da Industria e Commercio, acompanhando as dos cursos primario e de desenho.

Essa professora lecciona diariamente e me parece seria de justiça, si fosse possível conceder-lhe alguma gratificação.

Continuo, passando a tratar do pessoal administrativo.

Esta, como as demais Escolas de Aprendizizes Artifices, graças ao regulamento approved pelo Decreto n. 9.070, de 25 de Outubro de 1911, conta para os trabalhos administrativos com o director, o escripturario, o porteiro-continuo e dous serventes; pessoal que já se torna pequeno, attento o desenvolvimento do expediente e da bibliotheca escolar. Quando falta o porteiro-continuo, é elle substituido por um dos serventes; mas, si é o escripturario que falta, não pode ter substituto, porque suas funcções exigem certas habilitações que o porteiro não tem. Demais, comprehendese

que os trabalhos de um escripturario são muito diversos dos de porteiro que são quasi, por assim dizer, mathe-
riaes.

O escripturario precisa ser intelligente, meditar, para bem fazer a escripturação; tem de estar ao par da maior parte do movimento da Repartição, etc. O porteiro, cuidando de serviços muito differentes e materiaes, não pôde, em regra, substituir o escripturario, como de facto não o tem substituído nas suas faltas. Não podendo utilizar-me ao porteiro para fazer as vezes do escripturario, como já tem acontecido, pode advir o não cumprimento de deveres da directoria.

Parece-me, pois, e deixo a vossa elevada competencia julgar, que é necessario, como tive occasião de dizer-vos em meus relatorios anteriores, haver um auxiliar para o escripturario, que possa bem substituí-lo em suas faltas, ajudal-o nos varios serviços de que elle se tem de occupar, e cuide da bibliotheca escolar que vae desenvolvendo-se, e tambem do museu que já iniciado se acha e ir-se-á augmentando.

O escripturario continúa ser um bom auxiliar da directoria e é cumpridor de seus deveres.

Não me parece que a nomeação interina de algum para substituir o escripturario durante um impedimento qualquer seu, seja meio de sanar os prejuizos que possam resultar para o serviço da repartição, por que, quem quer que seja o interino, ha de ignorar o movimento da Escola em relação a escripturação, etc., e enquanto for ficando ao par de todo o mecanismo das funcções do escripturario, o serviço publico for-cosamente resentir-se-á.

Infelizmente, não posso collocar o porteiro-continuo no mesmo plano que o escripturario, no que diz respeito ao cumprimento de seus deveres. E' muito

moço e talvez por isso não tem a inteira e a precisa competencia para dirigir os serventes no serviço interno da Escola.

Os deveres de porteiro continuo não se reduzem somente a abrir e fechar a Escola, nem a servir os professores nas aulas e mestres nas officinas. A' elle compete a fiscalização e direcção dos serventes na limpeza e na ordem dos objectos, de aulas e officinas, etc. Emfim, resumindo e comparando, pode-se dizer que esse funcionario é, como nas casas de familia, um governante, ao qual o dono ou dona da casa encarega de dirigir os famulos, de accordo com as ordens recebidas, e mesmo, ás vezes, de accordo com o criterio proprio, e, pois, esse cargo não é tão inferior, como parece, á primeira vista; necessita de criterio, intelligencia e circumspecção. O mesmo se dá com o logar de porteiro-continuo de uma Escola, principalmente. Para desempenhar, pois, tudo que deve competir ao porteiro-continuo, o actual não tem mostrado competencia satisfatoria, embora seja de boas qualidades moraes.

Uma Repartição Publica ou não, não é escola em que se venha aprender a fazer as cousas, entra-se sabendo fazer; o que se aprende é o que se ha de fazer.

BIBLIOTHECA

Snr. Ministro, em meu relatorio de 1911, tive a honra de dizer-vos, na secção «Bibliotheca», que mandaria fazer em 1912, armarios-estantes para melhormente acondicionar os livros e proporcionar-lhes boa conservação; porém, achei preferivel mandar fazer dons armarios communs, porque não havia commodo para collocar estantes especiaes, que guardarei para occasião opportuna.

Tambem não mandei forrar de panno os mappas, porque ainda não achei quem pudesse encarregar se desse trabalho; verei si no anno de 1913 consigo achar quem o faça.

Mandei encadernar os livros em brochura que entraram para a bibliotheca em 1912; entre os quaes se acham muitos que me fôram remetidos pelo digno Snr Director do Serviço de Informações e Divulgação do Ministerio, outros que se teve conveniencia de comprar, e alguns que foram offertados.

Entre estes, os offertados, figuram brochuras da importante «Revista do Archivo Publico Mineiro», cujo operoso director, Snr. Dr. Soares de Moura, a meu pedido, remetteu para a Escola, ficando a bibliotheca com essa Revista completa até 1911.

A Bibliotheca conta actualmente com 249 volumes encadernados e 28 brochuras, Mappas, Boletins, diversas Revistas, etc., que se conservam com faltas ou incompletas, e portanto, de pequeno valor são. Como é sabido, esses trabalhos incompletos, em-bora, em si, sejam importantes, perdem muito em seu valor e de pequena utilidade se tornam. Por isso, solicitei ao Snr. Director do Serviço de Informações e Divulgação a integração desses trabalhos; mas não foi-lhe possível satisfazer-me.

Dentre essas Revistas figuram: «Chacarras e Quin-taes», «Evolução Agrícola», «Brasileira», «Americana» e outras.

A Revista da Sociedade de Agricultura ou Agrícola, tem sido remetida para a bibliotheca da Escola, até o 1.º fasciculo do V volume, pelo Snr. Inspector Agrícola do 18.º Districto, que grande interesse tem mostrado por esta Escola.

A pedido do Snr. Director de Informações e Divulgação, tive o prazer de remetter-lhe informações sobre o movimento da Escola.

Cumpre-me tambem dizer-vos que alguns livros foram comprados para premios e outros para uso dos alumnos nas aulas, elles acham-se separados dos que fazem parte, propriamente, da bibliotheca.

Conforme prometi em meu relatório de 1911, fiz uma relação coordenada de todos os livros, classificando-os em secções respectivas aos assumptos de que tratam; organizei, portanto, um subsidio para futuro catalogo.

Muitos visitantes consultaram diversas obras da bibliotheca.

Esta pequena secção da Escola, espero, em outra casa, poder pôr em compartimento separado e a ella adjunto o musen escolar, permitindo assim completa commodidade aos visitantes.

Penso. Snr. Ministro, que o desenvolvimento da Bibliotheca, pondo-a em condições de bem ser util aos estudiosos, permitirá propaganda para a Escola e ficará esta mais conhecida.

Sou dos que pensam que a criação de bibliothecas é de inestimavel beneficio para quem quer estudar e não pôde comprar livros. Haja vistas para a grande frequencia das do Rio de Janeiro.

E' minha intenção ir aos poucos enriquecendo a desta Escola, com aquisição de diversas obras, especialmente das profissionais e referentes particularmente ás officinas, afim de que, em todo tempo, aquelles aprendizes que saiam da Escola, depois de preparados, ainda possam encontrar recursos nella para ampliar e completar seus conhecimentos, acompanhando sempre o progresso de seus officios, que tambem não ficam estacionarios.

MUSEU ESCOLAR

O art. 39 do regulamento vigente determina que as Escolas de Aprendizizes Artífices deverão ter, cada uma, um musen escolar.

A Escola que me cabe dirigir já iniciou o seu mu-
sen.

Sur Ministro, essa criação é, incontestavelmente, de grande utilidade, pois como penso e assim von organisando-a, deve conter objectos que se prestem a lição de cousas, e tambem objectos que sirvam de assumpto aos estudos em geral, e particularmente profissionaes; isto é, os musens devem ter specimens de materias primas dos diversos officios, com os necessarios esclarecimentos. E' preciso tambem que os objectos se prestem a tornar patente aos alumnos e visitantes a evolução por que foi passando a instrução; devem servir para inspirar a todos, e, principalmente, á mãe de familia, o modo, a marcha a seguir para preparam a criança, affin de que fique em condições de bem compreheder o professor ou o mestre, na aula ou na officina; pois, é intuitivo que a lição de cousas deve ser dada á criança pela mãe, na primeira infancia. O musen fará o menino lembrar-se das noções que, por assim dizer, lhe ministraram no berço ou nos chamados »Jardins de infancia».

Não penso jactar me, de ser mesmo assim que deve ser concebido um musen escolar; mas, dos competentes, como V. Exa.. Vir me á a correção.

Formando o musen desta Escola, como acima digo, mandei fazer na officina de marcenaria a unidade do systema metrico antigo, que herdamos dos Portuguezes, a vara, subdividida em covados, palmos ou terças, quartas, meias quartas, etc.; de sorte que os alumnos terão esse termo de comparação com o metro, unidade

linear do systema moderno que corresponde áquella unidade *var'a*. Von ver si arranjo tambem as medidas antigas de capacidade e de peso, para o mesmo fim.

Obtereí assim no musen elementos por onde o alumno não só consiga noções de cousas, como a evolução que soffreram as unidades linear, de capacidade, etc.

Desejando que o musen possúa as madeiras que se vão utilisando na marcenaria e na carpintaria, e ao mesmo tempo fiquem os alumnos sabendo bem sua resistencia, densidade ou peso especifico, sens diversos nomes, as varias qualidades de uma mesma madeira, e sua procedencia, e isto se extenderá ao maior numero de madeiras nacionaes que for podendo adquirir, mandei a officina de marcenaria fazer amostras em fórma de livro com as especies de que o tem servido; que se deu 28 individuos.

Irei fazendo o mesmo nas demais officinas, collocando pelles para calçado, diversas especies de ferro, os ferros chamados em cantoneira, em *w*, em *l*, em duplo *Z*, etc.; metaes preciosos, pedras (cristaes) falsas e mesmo verdadeiras; metaes ordinarios como bronze, zinco, chumbo, cobre, estanho, etc.; moedas de prata, bronze, cobre e nickel, desde as primitivas, até as modernas, sellos do correio, acompanhando a sua evolução até onde for possível. Com o papel moeda farei o mesmo, e com estampilhas. Pretendo rennir tambem objectos de desenho, etc.

Para realisar tudo isto precisa-se de tempo e consciencia; esta de mim depende e tel a-ei; mas o tempo é factor que não depende só de mim.

Comprei uma caixa com as ferramentas principaes e indispensaveis ao marceneiro e ao carpinteiro que, julgo, será de utilidade.

Emfim, dado está o inicio do musen desta Escola, e com o correr dos tempos, é fóra de duvida, esta sec-

ção, já appensa á bibliotheca, tornar-se-á muito attrahente aos alumnos e aos visitantes.

ASSOCIAÇÃO COOPERATIVA e de MUTUALIDADE

Snr. Ministro, em cumprimento do art. 12, § 8.º do regulamento vigente, reuni algumas vezes todo o pessoal da Escola e alumnos e falei-lhes sobre as vantagens economicas e sociaes dessas Associações e para corroborar as minhas palavras, apresentei-lhes os eloquentes exemplos das instituições congeneres em que é fertil a Europa e não menos os Estados Unidosda America do Norte, tornando-lhes assim conhecida a realidade das minhas asserções.

Não contente com isso, accitei o gentil e generoso offerecimento da «A Tarde» e do «Estado de Minas», que fazem parte honrosa da imprensa de Bello Horizonte, e foram publicados tres artigos por mim escriptos, sabindo elles nos dias 11, 13, 15 e 17; sendo nos tres primeiros dias dous artigos em que expuz ao povo a importancia e utilidade dessas Instituições, e um appello ao operariado; e no dia 17 veiu um resumo das Instruções sobre as Associações Cooperativas e de Mutualidade entre os alumnos das Escolas de Aprendizizes Artífices e que foram approvadas por V. Ex. em 7 de Agosto de 1912. No dia 16 veio a relação nominal dos amigos e commerciantes que angariei para socios honorarios, e que desde logo entraram com do nativos pecuniarios.

Snr. Ministro, esses artigos publicuei sem outro fim que tornar conhecida a Escola, ignorada ainda por muita gente, e convidar aos interessados a darem uma instrução profissional aos filhos ou protegidos, afim de desviar-os dos meios perniciosos á honestidade, e dar-lhes o trabalho honrado em troca da ociosidade.

Satisfazendo o art. 34 das Instruções organisadas pelo Snr. Director Geral interino da Industria e Commercio e por V. Ex. approvadas, installei a Associação Cooperativa e de Mutualidade entre os alumnos desta Escola, em 13 de Agosto de 1912, reunindo todo o pessoal da Escola, e de accordo com o art. 6 das mesmas Instruções, foram eleitos por maioria de votos: o professor de desenho, Augusto Berardo Numan, para vice-presidente; e o adjuncto de desenho, Manoel Penna, para thesoureiro da Associação. Pelo mesmo artigo ficou cabendo a presidencia a mim, e o logar de secretario ao escripturario da Escola, Samuel Ribas.

Logo em Setembro, a meu convite feito aos paes ou protectores dos alumnos, e edital publicado no «Minas (Feraes» e no «Estado», gratuitamente, reuniram-se os mesmos interessados, na propria Escola. e foram eleitos por maioria de votos da Assembléa Geral os tres membros do Conselho Fiscal que tinham de examinar as contas que fossem apresentadas pela directoriada Associação no anno de 1912.

De tudo isso e mais o que abaixo tenho a honra de relatar-vos, ficou sciente a Directoria Geral da Industria e Commercio. não só por copia de actas, como pelo relatorio que li em Assembléa Geral e perante os membros do Conselho Fiscal, em 19 de Janeiro de 1913, cumprindo os arts. 10 e 12 das supra-citadas Instruções.

O Conselho Fiscal representado pelos membros Seraphim Soares Lameira, Jacob Habraham e José dos Passos Moreira, approvou todos os actos da directoria da Associação e pediu que fosse lançado na acta um voto de louvor á mesma directoria. Effectivamente foi esse pedido satisfeito e acha se na copia da acta da sessão da Assembléa Geral, 19 de Janeiro de 1913, que enviei ao Snr. Director Geral da Industria e Commercio.

No meu relatório da Associação verá V. Ex. que se acha declarado terem suas cadernetas os alumnos do 1.º e 2.º annos, com suas respectivas contribuições desde Março a 14 de Dezembro de 1912, quando encerraram se os trabalhos de aulas e de officinas; tudo em obediencia ao art. 27, § 1.º do regulamento vigente combinado com o art. 29 das Instruções referentes à Associação.

Constituidos de accordo com o art. 14. alíneas a, c, e e f das Instruções, os fundos da Associação contam com a quantia de rs. 2:117\$301.

Assim, a caderneta da Associação aberta pelo thesoureiro na Caixa Economica Federal, em Bello Horizonte, caderneta n. 22.430, contem: 1:622\$900, de diarias dos alumnos do 1.º e 2.º annos da Escola; 60\$771 ou os 5.º da renda liquida das 4 officinas que a deram; de contribuição do pessoal da Escola desde Janeiro à Dezembro de 1912, e da parte da renda liquida de 1911, à qual tinham direito o director da Escola e os mestres respectivos, 190\$230; angariada pelo director da Escola 331\$000; e de paes de alumnos, 34\$400.

Importaram essas quantias no total de rs. 2:239\$301. Deduzindo-se, porém, a despesa de 122\$000 com a compra dos livros para a escripturação e 500 ca dernetas impressas para os alumnos, tem-se de liquido rs. 2:117\$301.

Devo ainda levar ao vosso conhecimento que officiei ao Conselho Deliberativo de Bello Horizonte, e opportunamente tambem officiarei ao Congresso Mineiro, pedindo lhes, na qualidade de protector nato dos alumnos, uma subvenção annual para a Associação.

() meu relatório acompanhou o officio n. 22, de Janeiro do corrente anno, 1913, que enviei ao Snr. Director Geral da Industria e Commercio.

Quanto às diarias com que os alumnos do 3.º anno tiveram de contribuir para augmento dos fundos da As-

sociação, hei de renmir a directoria para esse fim e propor-lhe-ei 200 reis para contribuição diaria de cada alumno. Quando houver 4.º anno, será 300 reis.

No annexo n. XI, se acha o resumo da receita e despesa da Associação, em 1912.

TRABALHOS PARA A ESCOLA, FEITOS NAS OFFICINAS

Snr. Ministro, quando a Escola precisa de algum movel ou outro objecto qualquer e é possível ou ha tempo de se fazer nas officinas da mesma Escola, dou sempre preferência a ellas, como é natural.

Assim, pois, mandei fazer: um armario para os alumnos guardarem suas merendas, uma prateleira com tampa para guardarem se obras da sapataria na propria officina, um estrado para a mesa dos professores do curso primario, cabides para os alumnos descansarem os chapéos, dous grandes e fortes armarios simples para archivar jornaes, etc., armações para anteparos à luz solar, e outros objectos; tudo na officina de carpintaria.

Um armario para guardar ferramentas delicadas da officina de ferros, um estrado com estante para musica, quadros para serem expostos trabalhos dos alumnos do curso primario e de desenho, mesas de trabalho para as officinas de sapataria e de ourivesaria, objectos de estudo de Arithmetica, etc.; tudo foi feito na marcenaria.

A' esta mesma officina encarreguei de fazer a unidade linear antiga, a vara; as amostras de madeiras em fórma de livro, que farão parte do musen, e cuja utilidade e conveniencia, expuz na secção «Musen». Para exercicio de gymnastica tambem mandei fazer degrãos para escada de corda, e postes para barras fixas, sendo as barras de aço preparadas na officina de ferros,

Estes trabalhos, tendo sido feitos nas officinas da Escola, apresentam a vantagem de os aprendizes verem logo como são utilizados, além do que se refere á parte financeira.

Demais, sendo varios, os alumnos vão, ao mesmo tempo, reconhecendo que suas officinas têm de encarregar-se de diversos trabalhos que têm applicações diferentes.

Pelo lado economico, se comprehende que os alumnos fazendo objectos para elles mesmos usarem, vêem quanto custa fazel-os, e, naturalmente, ganham interesse de conservar- os ou fazel-os durarem mais tempo.

A utilisagão das officinas da Escola, para fazerem objectos que vão ser usados pelos alumnos, é pois muito conveniente quer pelo lado financeiro e economico, quer pelo lado instructivo e educativo.

OBRAS MANDADAS FAZER E OUTRAS A FAZER NO EDIFICIO DA ESCOLA

Sendo o edificio imprestavel para uma Escola de Artifices, e offerecendo má e escassa commodidade aos alumnos, não tenho remedio sinão ir continuando a mandar fazer obras indispensaveis, emquanto nelle tiver de continuar a Escola. findo é consequencia de vicios injustificaveis na construcção, e para fazerem-se obras completas ser-se-ia levado a grandes despesas; o que absolutamente não convem.

A cobertura tendo uma aba de telhado muito grande, as chuvas que nelle cahem, escapam-se em ondas que vão formando rôlos, como ondas no mar, e dahi o processo das aguas nas grandes chuvas e a inundagão de commodos da Escola. Mandei, pois, separar as aguas, pondo uma grande calha transversalmente no correr das

telhas, communicando-se com dous conductores nas extremidades. Foi isto bastante para evitar as inundagões: as aguas descem pela superficie maior, cahem na calha e escapam se pelos conductores; a menor superficie deixa passarem bem as aguas para o quintal.

Terei ainda de fazer uma obra nessa mesma cobertura que, devido á má disposigão dos caibros e das telhas, ainda deixa escaparem-se pingas em diversos lugares, quando ha grandes temporaes, que não são raros em Bello Horizonte. Ficará isso para o anno de 1913. Mandei asseiar partes externas e internas da Escola que mais precisavam, caiando-as e pintando-as, como necessidade hygienica.

Si a Escola continuar no mesmo edificio, o que não espero, convicto, como estou, da orientagão e do patriotismo dos Governos da União e do Estado que os levarão a dar-me o edificio que vos pedi, não terei remedio sinão, embora em prejuizo dos alumnos, na suppressão de parte do terreno, já escasso, sim, mas que vae servindo, em falta de outro melhor, para elles reunirem e merendarem, mandar fazer uma especie de chalet para onde serão mudados os mictorios e as latrinas que não são bons.

Desde já, porém, serão substituidas as caixas aromaticas, que, por sua construcção, não funcionam bem.

Tenho procurado evitar a supra referida obra na cobertura, porque a despeza não poderá ser muito pequena. reunida á da mudanga dos mictorios, etc.; pois, além do chalet, será preciso fazer uma passagem coberta para que os alumnos não se molhem quando necessitarem utilisar-se desse commodo.

No terreno, aos fundos da Escola, tive de mandar construir um grande rego com cimento e tijolos, afim da não serem inundadas as officinas que, por erro cras-

so de construção, ficaram enterradas; pois, o terreno ao lado fica mais de dous metros á cavalleiro.

Tambem se torna preciso mudar a pia que serve de lavatorio aos alumnos, por ser muito grosseira e pequena; mas, só mais tarde cuidarei disso, porque será necessario mexer no chão, e mesmo não ha espaço para ser feito um trabalho satisfactorio.

Não é de agora que projecto essas obras, tenho-me, porém, achado tolhido sempre por não contar com terreno disponivel, de modo que não prejudique o pequeno espaço em que recreiam os alumnos. Compreende-se bem que o alumno que acaba de estar em aulas, precisa, e mesmo quer, correr e brincar livremente em espaço amplo e desembaraçado.

Aproveito a occasião, Snr. Ministro, para fazer-vos sciente que o terreno contiguo á Escola já está recebendo construcções para moradia de particulares, e dahi a immediata consequencia de que tive a honra de levar ao vosso conhecimento, quando em o officio n. 199, de 20 de Junho de 1912, justifiquei meu pedido de mudança da Escola: os alumnos ficarão privados de luz directa, de ar livre e de alegre vista, quando em aulas, isto é, no periodo de tempo que mais precisam que esses elementos de vida sejam os mais puros possivel.

Snr. Ministro, fíndo aqui o que devia relatar-vos a respeito de todos os factos que se passaram no anno de 1912 na Escola que dirijo.

Diz-me a consciencia que ainda este anno procurei cumprir bem os meus deveres; porem, á V. Ex. cabe julgar-me.

Bello Horizonte, 7 de Fevereiro de 1913.

Augusto Candido Ferreira Leal, director.

Annexos

- I Matrícula e media da frequencia.
- II Horario seguido em 1912.
- III Resumo do resultado de exames.
- IV Alumnos premiados com medalhas e livros.
- V Alumnos premiados pecuniariamente.
- VI Artefactos para a Escola e particulares produzidos nas officinas.
- VII Artefactos para a exposição de 1912.
- VIII Resumo do balancete da Receita e Despesa das officinas em 1912.
- IX Resumo da Receita e Despesa feita pela Escola até 31 de Dezembro de 1912.
- X Resumo do Orçamento da Receita e Despesa para 1913.
- XI Resumo do Balancete da Receita e Despesa da Associação Cooperativa e de Mutualidade entre os alumnos da Escola.
- XII Quadro de Honra dos alumnos em 1912.

ANNEXO I

MATRICULA E MEDIA DA FREQUENCIA EM 1912

Matricularam-se.....		78 alumnos
Perderam o anno por terem dado 30 faltas não justificadas.....	33	
Retiraram-se da Escola.....	2	78
	<u>35</u>	<u>35</u>
Ficaram para entrar em exames..		43 alumnos

Os 78 alumnos matriculados foram distribuidos pelas officinas assim :

Marcenaria.....	28
Officina de ferros.....	18
Sapataria.....	13
Ourivesaria.....	13
Carpintaria.....	6
Total.....	78

A media de frequencia foi 52, isto é, 66 % ou dois terços dos matriculados.

ANNEXO II

HORARIO DAS AULAS E DOS TRABALHOS DE OFFICINAS PARA O ANNO DE 1912

MATERIAS	DIAS				
	2 ^{as}	4 ^{as}	6 ^{as}	3 ^{as}	5 ^{as} 7 ^{as}
1. ^o anno Portuguez e escripta " e Lectura Arithmetica Geographia Desenho (exposição) " (pratica)	10h. às 10 h. 40m.	10-45 às 11-25	11-30 às 12-10	10h. às 10h.-40m.	10-45 às 11-25 11-30 às 12-10
2. ^o anno Portuguez e Escrip ^a " e Lectura Arithmetica Geographia Desenho (exposição) " (pratica)	10 às 10-40	10-45 às 11-25	11-30 às 12-10	10 às 10-40	10-45 às 11-25 11-30 às 12-10

OBSERVAÇÕES:

De uma aula à outra haverá 5 minutos de descanso, e 20 minutos da ultima aula ao principio dos trabalhos de officinas, para os alumnos recrearem e renderem.

Os trabalhos de officinas irão das 12 horas e 30 minutos às 2 e 30 da tarde, seguindo-se 20 minutos para os alumnos asseiar-se.

ANNEXO III

RESUMO DO RESULTADO DOS EXAMES EFFECTUADOS EM 1912

Dos alumnos matriculados puderam fazer exame 43
 Não fizeram exame, por doença..... 2

Fizeram : 24 do 1º anno e 17 do 2º..... 41

Curso primario		Curso de desenho	
Primeiro anno		Segundo anno	
Distineção.....	6	Distineção.....	4
Plenamente.....	6	Plenamente.....	10
Simplemente.....	9	Simplemente.....	7
Promovido para a 2ª classe	3	Promovidos para a 2ª classe	5
Total	24	Total	24

Curso de aprendizizado
 Promoção para o 2º anno | Promoção para o 3º anno

Marecnaria		Off.ª de ferro	
2 para o 1.º logar	1	2 para o 1.º logar	1
1 « 0 2.º »	1	1 « 0 2.º »	1
1 « 0 3.º »	1	1 « 0 3.º »	1
1 « 0 4.º »	1	1 « 0 4.º »	1
Total	17	Total	17

Curso de aprendizizado (continuação)

Promoção para o 2º anno | Promoção para o 3º anno

Sapataria	2 para o 1.º logar 1 « 0 2.º » 2 continuam no 1.º anno	2 com aproveitamento optimo
Ourivesaria	2 para o 1.º logar 2 « 0 2.º » 1 « 0 3.º »	2 para o 1.º logar 1 » 0 2.º »
Carpintaria	2 para o 1.º logar 1 « 0 2.º » 1 continuam no 1.º anno	1 com aproveitamento optimo

Musica

Compareceram 33 alumnos e obtiveram as seguintes notas de aproveitamento :

Optima	14
Bôa	11
Soffrivel	8
Total	33

ANEXO III

RESUMO DO RESULTADO DOS EXAMES EFFECTUADOS EM 1912

1) Os alumnos matriculados puderam fazer exame 43
 Não fizeram exame, por doença..... 2

Fizeram: 24 do 1º anno e 17 do 2º..... 41

Curso primario		Curso de desenho	
Primeiro anno		Segundo anno	
Distineção.....	6	Distineção.....	4
Plenamente.....	6	Plenamente.....	10
Simplemente.....	9	Simplemente.....	7
Promovido para a 2ª classe	3	Promovidos para a 2ª classe	5
Total	24	Total	24

Curso de aprendizado
 Promoção para o 2º anno | Promoção para o 3º anno

Materia		2 para o 1.º lugar	
1	« 0 2.º	3	» 0 2.º
1	« 0 3.º	—	—
1	« 0 1.º	—	—

Obr. de ferro		1 para o 1.º lugar	
1	« 0 2.º	1	« 0 2.º
1	« 0 3.º	2	« 0 3.º
2	« 0 4.º	2	« 0 4.º

Curso de aprendizado (continuação)

Promoção para o 2º anno | Promoção para o 3º anno

Sapataria	{ 2 para o 1.º lugar 1 « 0 2.º » 2 continuam no 1.º anno	2 com aproveitamento optimo
Ourivesaria	{ 2 para o 1.º lugar 2 « 0 2.º » 1 « 0 3.º »	2 para o 1.º lugar 1 » 0 2.º
Carpintaria	{ 2 para o 1.º lugar 1 « 0 2.º » 1 continúa no 1.º anno	1 com aproveitamento optimo

Musica

Compareceram 33 alumnos e obtiveram as seguintes notas de aproveitamento:

Optima	14
Bôa	11
Soffivel	8
Total	33

ANEXO IV

ALUNOS PREMIADOS COM MEDALHAS E LIVROS

Medalha de ouro «Bittencourt da Silva»

José Maria do Espirito Santo Junior

Medalhas de prata

Raymundo Scotti.

Thomé Dias Taxa.

Angelo Constantino Lasafá.

José Santino di Bernardi.

José de Avela Brandão.

Antonio Gomes Pardo.

José Honorio dos Santos.

Luiz Prisco Moreira Junior.

Arthur de Moura Lima.

Antonio Pires Baptista de Moraes.

Premiados com livros

José Scotti — Amarilo Bandeira de Mello — José Jacintho — Aristheu Bandeira de Mello — Amilcar di Bernardi — José Henrique Dutra — Arthurino Benevenuto de Faria — Washington Benevenuto de Faria — Ruy Barbosa de Moraes — Henrique Rodrigues (fomes) — Eduardo Siqueira da Costa — Edgard Siqueira da Costa — Synesio da Costa Junqueira — Edison Rangel — Manoel Rodrigues da Silva — Geraldino Jorge — Raymundo do Espirito Santo — Eurico Arcieri — Romen Sydney — Francisco Sólha — Ramiro Rosa da Silva — Manoel Domingues Carres — Manoel Carlos da Silva.

ANEXO V

ALUNOS PREMIADOS PECUNIARIAMENTE COM 10% DA

RENTA LIQUIDA DAS OFFICINAS DE

MARcenARIA, SAPATARIA, CARPINTARIA E OURIVENSARIA

NO TOTAL DE RS. 121\$560

2	alunos com 10\$120 cada um	20\$8,10
5	" " " " " "	36\$165
2	" " " " " "	10\$120
9		67\$725

2	alunos com 6\$008 cada um	12\$016
2	" " " " " "	9\$612
1	" " " " " "	3\$605
5		25\$233

1	alumno com 5\$813	5\$813
1	" " " " " "	1\$651
1	" " " " " "	3\$188
2	" " " " " "	1\$650
5		18\$602

2	alunos com 1\$695 cada um	3\$390
3	" " " " " "	1\$356
3	" " " " " "	2\$511
8		9\$999

ANNEXO V I

ARTEFACTOS PRODUCIDOS NAS OFFICINAS PARA A ESCOLA
E PARA PARTICULARES EM 1912.

Marcenaria:

3 armarios, 1 mesa para machina, 2 cadernaes, 1 armação com prateleiras, 1 armação para esmeril, 4 columnas, 1 folle para forja, 1 bucha conica, 8 tamboretas, 2 oratorios, sendo um de luxo; 25 amostras de madeira com a fórma de livro, 1 cancella, 1 vara de medir, 1 prensa com cavallete, 2 cabos de formão, 1 escrevaninha, 1 guará louça, 2 moldes de rodas dentadas, 1 reforma de porta, 1 catre, 1 taboa para cosinha, 1 cruz para sepultura, 1 concerto em harpa, 3 rolos para massa, 14 molduras para quadro, 3 quadros, 5 parafusos para prensa de banco de trabalho, 4 colleções de ensino, 1 batuta. 1 estrado com estante para musica, 3 cabos para machado, 1 vitrina, 1 colleção de quadradinhos, 6 cabides para guarda vestido, 5 cepos para plaina, 5 bancas de trabalho, 7 concertos em cadeiras, 1 accento para cadeira, 12 degrãos cylindricos, 12 balanstres torneados, 1 banco com accento de fusca, e 1 armação para peneira. Tudo na importancia de rs. 904\$500.

Sapataria:

20 pares de botinas, 7 pares de borzeguins, 25 meias solas, 7 pares de saltos, 1 encunramento de folle, 1 petéca, 1 tira collo, 1 pintura em 2 pares de sapatos, 1 par de sapatos, 1 concerto em mala, 1 concerto em pé de sapatinho, 2 remontos, 3 concertos em botinas, 1 par de sapatos, 1 colleira.
Tudo na importancia de rs. 512\$600.

Carpintaria.

1 caixa de correio, 1 armação para rebolo, 2 cabos de ferro de engommar, 1 prateleira com tampa. 2 armarios, 1 porta, 2 mesas, 2 bancos compridos para aula, 4 cabides, 2 quadros negros, 3 reguas para anelaparo, 1 remendo em soalho, 1 estrado, 4 rodas, 1 taboa aplainada, 1 concerto em guarda louça, 7 concertos em cadeiras, 1 mancebo e 1 travessa para espelho. Tudo na importancia de rs. 347\$000.

Officina de ferros:

1 banco para talha, 4 anneis, 5 chapas, 3 ganchos, 1 craveira, 8 mesaninos, 2 machados para amollar, 4 concertos em ferros de engommar, 4 roldanas, 4 eixos, 3 estás, 1 dispositivo, 2 barras de aço, 1 concerto em roda dentada, 1 bigorna, separação de dons pedaços de cantoneira, 5 aberturas de furos, 1 centro, 2 assentadores, 2 ajuntamentos, 4 bandeiras para porta, 1 colther, 1 modificação em machina de costura, 1 grade para fogareiro, 1 modificação de eixo, 5 gradis, 2 armações de estante, 3 porcas, 4 argolas, 1 alavanca, 1 bico de folle, 4 ferros pedrezes, 1 mancal de bronze, 1 braço de manivella, 14 parafusos, 2 garfos para correia, 2 grampos e 1 porta-broca.

Tudo na importancia de rs. 432\$465.

Ouivesaria:

36 anneis de metal amarello, 1 argolão de ouro, 3 correntes, 2 pares de alliança, feitto de 18 allianças, 10 fijas encastoadas, 12 portasoldas de ferro, 12 bitolas de ferro, 1 concha de prata, 2 boccaes de metal amarello, 3 anneis, 1 corrente de prata, 1 modificação em cravação, 2 limpesas de joia, 1 transformação de cravação. Tudo na importancia de rs. 130\$700.

ANNEXO VII

ARTEFACTOS PRODUZIDOS NAS OFFICINAS PARA A
EXPOSIÇÃO, ESPECIALMENTE, DE 1912.

Marcenaria:

2 pés torneados e envernizados para mesa, 2 rolos para massa, sendo 1 para abrir e outro para cortar, 1 diavolo (brinquedo), 2 bilboquets, 1 almofariz com mão e torneado e 1 moldura enquadrada.

Tudo na importancia de rs. 12\$700.

Sapataria:

1 par de polainas, 1 par de borzeguins de pellica e verniz, 1 par de sandalias de velludo, 1 par de botinas para homem, 1 par de borzeguins para menino, 1 par de borzeguins para homem, 2 pares de sapatinhos de entrada baixa e 1 par de sapatos para senhora. Tudo na importancia de rs. 92\$000.

Carpintaria:

1 mesa para cosinha, 1 mesa em miniatura, 4 taboas para bifes, 1 armario envidraçado, 1 caixa para correspondencia, 7 reguas para accento e encosto de sofá para jardim, e 1 sofá de madeira.

Tudo na importancia de rs. 119\$400.

Officina de ferros:

1 mesanino rectangular, 1 portão para entrada de casa, 1 sofá para alpendre, 2 punções de aço, 1 marllo de aço, 2 compassos de aço e 4 ferros para regua de pedreiro.

Tudo na importancia de 91\$100.

Ourivesaria:

2 pares de brincos de prata, 3 botões para collarinho, 2 broches, 2 aneis, 1 par de botões para punhos, 1 par de africanas. 1 medalha, 2 grampos, 1 argolão, 1 pulseirinha com duas espheras e uma cruzinha; tudo de prata, 1 argolão de ouro.

Tudo na importancia de rs. 28\$600.

ANNEXO VIII
RESUMO DO BALANÇETE DA RECEITA E DESPEZA DAS
OFFICINAS EM 1912

DESPEZA			RECEITA
Marcenaria	1912	909\$300	
	1911	7\$000	
Carpintaria	1912	347\$000	
	1911	85\$000	
Sapataria	1912	512\$600	
	1911	39\$000	
Quivescaria	1912	130\$700	
	1911	92\$500	
Off.ª de ferros	1912	432\$465	
	1911	—	
As 4 outras off.ªs Rs.		432\$465	
		2:123\$100	
Total Rs.	2:449\$665	2:555\$565	

Ve-se pois que as officinas deram liquido Rs. 1:215\$615

Nota : a quantia adiante do anno é o que estava devendo nesse anno.

Renda liquida :	1:215\$615	Renda arrecadada :	2:392\$105
15 ^o	0:182\$331	" liquida	1:215\$615
Depositado na D. F.		Renda em poder do	
(talão 136)	1:033\$281	Director	1:176\$190

Caderneta n. 20.731	323\$300	Em poder do director	1:176\$490
Juros	15\$900	Idem desde 4-12-1912	0:431\$250
Caderneta 20.732	88\$150		
Juros	3\$400	Total Rs.	1:607\$740
» da caderneta 20.730	0\$500		
Total Rs.	431\$250	Depositado D. F. Cai-	
		xa G. Talão 70 Rs.	47\$110

ANNEXO IX

RESUMO DO BALANÇO DA RECEITA E DESPESA FEITA PELA ESCOLA, DE JANEIRO A' 31 DE DEZEMBRO DE 1912

RECEITA	DESPESA
Pela Lei Orçamentaria foi distribuido para 1912 :	
Pessoal 39:600\$000	Despendeu-se com o pessoal, inclusive 100\$000 mensaes a cada um :
Material comprehendendo: Expediente, Diarias aos alumnos, gratificações aos adjuntos e contramestres. 22:780\$000	39:222\$851
Total Rs. 62:380\$000	Com todas as sub-consignações indicadas na verba «Material» da Receita despendeu-se a seguinte quantia : 14:900\$535
	Total Rs. 54:123\$386

Comparando-se esses elementos, vê-se que da verba «Pessoal» ha um saldo de 377\$149.

Da verba «Material» o saldo é 7:879\$465. O saldo total é, pois: 8:256\$614, que muito excede a despesas que têm de ser pagas pela mesma Receita de 1912; mas, cujas contas ainda não fôram apresentadas.

Nota: Como consta do officio n. 35, de 25 de Janeiro de 1913, acha-se incluída na despesa pela verba «Material», a quantia de 110\$000 que ainda não foi paga, conforme disse ao Snr. Ministro no supra citado officio. Esta quantia foi despendida pelo escripturario da Escola, commissionado pelo director para represental-a no enterro do eminente Snr. Barão do R. Branco.

ANNEXO X

RESUMO DO ORÇAMENTO DA RECEITA E DESPESA PARA O ANNO DE 1913

RECEITA	DESPESA
Pessoal 39:600\$000	Pessoal 39:600\$000
Material : Expediente, etc. 6:000\$000	Material : Expediente, etc. 5:500\$000
Auxilio ás offeinas. 3:600\$000	Auxilios ás offeinas 3:600\$000
Diarias, gratificações aos ajudantes e contramestres. 19:820\$000	Diarias aos alumnos do 1.º, 2.º e 3.º annos. 6:840\$000
Installação, adaptaçáo da Escola, etc. 13:680\$000	Gratificações. 12:000\$000
	Installação e adaptaçáo da Escola 9:500\$000
Total Rs. 82:700\$000	Total Rs. 77:040\$000

ANNEXO XI

RESUMO DO BALANÇETE DA RECEITA E DESPESA DA ASSOCIAÇÃO COOPERATIVA E DE MUTUALIDADE ENTRE OS ALUNOS DA ESCOLA

1912

RECEITA	DESPESA
Doativos feitos pelo director e mestres da escola em 1911 38\$250	Pago à B. S. Costa Junior & C. pelo fornecimento de livros para escripturação da Associação e pela impressão de 500 cadernetas para os alumnos, socios effectivos :... 122\$000
Contribuição do pessoal da escola de Janeiro à Dezembro de 1912 : ... 152\$000	
De socios honorarios assignados pelo Presidente da Associação em Dezembro de 1912 : ... 331\$000	
Donativos de paes de alumnos em Dezembro de 1912 : 34\$100	
Diarias dos alumnos do 1.º e 2.º anno de Março à Dezembro de 1912 : ... 1:622\$900	
5 % da renda liquida em 1912 : ... 60\$771	
Total Rs. 2:259\$301	Total Rs. 122\$000

Resulta a quantia de Rs. 2:117\$301, de saldo existente na caderneta n. 22.430, da Caixa Economica Federal, em Minas Geraes, e que pertence à Associação Cooperativa e de Mutualidade entre os alumnos da Escola de Aprendizizes Artesaes do mesmo Estado.

ANNEXO XII

QUADRO DE HONRA DOS ALUNOS QUE MAIS SE DISTINGUE-
RAM PELO COMPORTAMENTO E ASSIDUIDADE NO
ANNO DE 1912

1	Arthur de Moura Lima Luiz Prisco Moreira Junior Aristhen Bandeira de Mello Antonio Pires Baptista de Moraes Eduardo Siqueira da Costa Ramiro Rosa da Silva
	2.º anno
	José Maria do Espirito Santo Junior Raymundo Scotti Angelo Constantino Lasafã Thomé Dias Taxa José Honorio dos Santos José de Avila Brandão Henrique Rodrigues Gomes Antonio Gomes Pardo Jose Santino di Bernardi

RELATORIO

DA

ASSOCIAÇÃO COOPERATIVA E DE MUTUALIDADE

ENTRE OS ALUMNOS DA « ESCOLA DE APRENDIZES ARTIFICES DE MINAS GERAES », APRESENTADO AO SR. DIRECTOR GERAL DA INDUSTRIA E COMMERCIO DA RESPECTIVA SECRETARIA DE ESTADO, PELO PRESIDENTE DA MESMA ASSOCIAÇÃO, E LIDO PERANTE A ASSEMBLEIA GERAL DOS PAES OU PROTECTORES DOS ALUMNOS E OS MEMBROS DO CONSELHO FISCAL, NA Sessão DE 19 DE JANEIRO DE 1913, PELO MESMO PRESIDENTE, DIRECTOR DA ESCOLA.

— 10 —

1913

TYPOGRAPHIA MODERNA
Bello Horizonte

Relatorio da Associação Cooperativa e de Mutualidade entre os alumnos da Escola de Aprendizes Artífices de Minas Geraes, apresentado ao Snr. Director Geral da Industria e Commercio da respectiva Secretaria de Estado, pelo presidente da mesma Associação, e lido perante a Assembléa Geral dos paes ou protectores dos alumnos e os membros do Conselho Fiscal, na sessão de 19 de Janeiro de 1913, pelo mesmo presidente, director da Escola.

Snr. Director Geral da Industria e Commercio.

Satisfazendo o art 10 das Instrucções referentes ás Associações Cooperativas e de Mutualidade entre os alumnos das Escolas de Aprendizes Artífices, tenho a honra de apresentar-vos o presente relatorio por mim lido na Assembléa Geral de paes ou protectores dos alumnos da Escola que me cabe dirigir.

Snrs. Membros da Assembléa Geral.

O regulamento das Escolas de Aprendizes Artífices, approved pelo Decreto n° 9.070, de 25 de Outubro de 1911, determina, em seu art. 27, a creação de

Associações Cooperativas e de Mutualidade entre os alunos das mesmas Escolas.

Estas Associações regem-se pelas Instruções que foram organisadas pelo Director Geral interino da Industria e Commercio, e approvadas pelo Snr. Ministro, em 7 de Agosto de 1912.

E' cumprindo com o que determina o art. 10 das mesmas Instruções, que venho dar-vos conta dos factos occorridos durante o anno p. findo, no periodo de Agos. to a Dezembro, e referentes á supra-citada Associação.

Satisfazendo ao art. 34 dessas Instruções, installou-se nesta Escola a sua Associação Cooperativa e de Mutualidade, em 13 de Agosto do mesmo anno proximo findo, ficando, todos os alumnos matriculados, como socios effectivos. porque assim os classifica o art. 2º, § 1º, alinea a, das mesmas Instruções.

Reuni, para isso, todo o pessoal da Escola, os paes, ou protectores dos alumnos, em Assembléa Geral, e foram eleitos, dentre estes, os membros de Conselho Fiscal, como preceitúa o art. 7 das mesmas Instruções. Anttes, porém, tinha sido eleita a directoria, de accordo com o art. 6.

Os membros eleitos da directoria são:

Augusto Berardo Nunan, professor de desenho, como vice-presidente; Manoel Penna, adjunto do mesmo professor de desenho, para thesoureiro.

Ambos tomaram logo posse de seu cargo e entraram em exercicio.

Os membros do Conselho Fiscal foram eleitos por maioria de votos da Assembléa Geral, e são:

Serafim Soares Loureiro, José dos Passos Moreira, Jacol Hahabram, aos quaes compete o exame do movimento da Associação.

O secretario da Associação é o Snr. Samuel Ribas, escripturario da Escola.

Em 5 de Setembro, reuni a directoria e fiz-lhe vêr a necessidade de serem adquiridos os livros para a escripturação do movimento da Associação, e que se achavam especificados no art. 26 das Instruções. Foi unanimemente autorizado pela mesma directoria, e com o secretario escolhi esses livros que examinareis.

Os talões de recibo começaram desde logo a ser escripturados pelo thesoureiro, e ficaram a seu cargo, como preceitúa o mesmo art. 26 das referidas Instruções.

Não foram pagos immediatamente, porque a Associação ainda não contava com fundos pecuniarios, visto não se achar então, distribuida, a verba de que dependem os socios effectivos, á Delegacia Fiscal do Thesouro Federal, neste Estado.

Reunida, pois, a directoria em 28 de Dezembro, por haver em caixa quantia muito acima do debito da Associação, fui autorisado a mandar o thesoureiro fazer o pagamento de cento e vinte dous mil reis (122\$000) á casa Costa Junior & Comp., obtendo recibo, como poderes examinar, Surs. do Conselho Fiscal.

Devo sientificar-vos que nessa quantia achase incluída a de noventa mil reis, importancia da impressão de 500 cadernetas, já em parte utilizadas com a inscrição das contribuições dos alumnos do 1º e 2º annos da Escola, socios effectivos, de accordo com o art. 29 das Instruções da Associação.

Os livros se acham escripturados pelo secretario, de accordo com o art. 25 das mesmas Instruções, como poderá examinar o Conselho Fiscal.

A Associação possui uma caderneta n. 22.430, da Caixa Economica Federal, neste Estado, em que se acham inscriptas todas as quantias que constituem fundos da Associação, como poderá verificar o mesmo Conselho.

A não ser a despesa de 122\$000, supra citada, nenhuma outra tem feito a Associação.

E' me muito grato levar ao vosso conhecimento que, em Dezembro, angariei trinta e tres socios, entre amigos e commerciantes desta Capital, que ficaram classificados socios honorarios, que reforçaram os fundos da Associação com a quantia de tresentos e trinta e um mil reis (331\$000).

Não foi tambem pequena a quantia com que, para esse fim, contribue todo o pessoal da Escola, e tambem muitos paes e protectores dos alumnos em Dezembro findo. Todas essas contribuições foram espontaneas.

As diarias dos alumnos do 1 e 2º annos, unicos que tinha a Escola, importaram em um conto, seiscentos e vinte dous mil e novecentos reis (1.622\$900), que já não é pequena.

Sobre esta quota chamo a attenção da Assembléa, pedindo aos Snrs. paes e protectores dos alumnos que procurem, quanto possível, evitar que os menores aprendizes falem aos trabalhos da Escola, pois, como vêm, são suas diarias que dão maior incremento aos fundos da Associação, que actualmente atingem á quantia de dous contos, duzentos e trinta e nove mil, tresentos e um reis (2:239\$301).

Neste total estão incluídos os 5% da renda liquida das officinas da Escola, conforme preceitua o art. 20. § 2º do regulamento approvedo pelo Decrt. n. . . . 9-070. de 25 de Outubro de 1911.

Pelo citado regulamento, os alumnos do 1. anno têm direito á diaria de 100 reis, e os do 2. á de 200 reis, que revertem para a Caixa da Associação.

Tudo consta de officios e copia de actas que tive a honra de enviar ao Snr. Director Geral interino da Industria e Commercio.

() que acabo de relatar-vos podeis ver nos annexos que se seguem, apresentando separadamente:

o balancete da Associação, o nome dos socios effectivos que, por sua assiduidade ao trabalho, mais concorreram, com suas diarias, para augmentar os fundos da Associação; o nome dos socios honorarios que entraram para a Associação, e o nome dos paes ou protectores que deram donativo para os fundos da mesma.

Cumpre ainda dizer-vos que officiei ao illustre Conselho Deliberativo desta Capital, sollicitando uma subvenção para a Associação, e o mesmo farei para alcançar protecção para ella, por parte do Congresso Mineiro.

Espero ter a felicidade de obter o amparo dessas respeitaveis Corporações para a futura Associação Cooperativa de Mutualidade, que os alumnos da Escola de Aprendizizes Artífices de Minas Geraes devem ao bene merito Snr. Dr. Pedro de Toledo, operoso Ministro da Agricultura, Industria e Commercio.

Ao terminar, devo dizer-vos Snrs. membros da Assembléa Geral e particularmente ao Conselho Fiscal que estou conscio de que fiz o que pude para bem desempenhar a minha tarefa do anno findo, que não poupei, não poupo, nem pouparei esforços, assim eu possa, para fazer prosperar a Associação Cooperativa e de Mutualidade formada entre os alumnos, queridos aprendizes da Escola que me cabe dirigir.

Submettendo-me ao juizo de todos vós, aguardo contente o parecer dos dignos Membros do Conselho Fiscal.

Ficai tambem certos de que, como entusiasta estremecido, que sou, desta Associação, espero della enormes beneficios para os jovens aprendizes, seus socios effectivos.

Torna-se, pois, preciso saberdes que, aceitando o generoso offercimento do Jornal vespertino desta Capital, «A Tarde», publiquei dous artigos sobre as Associações Co-

ANEXO I

BALANÇETE DA RECEITA E DESPEZA DA ASSOCIAÇÃO (COOPERATIVA E DE MUTUALIDADE ENTRE OS ALUNOS DA ESCOLA DE APRENDIZES ARTIFICES DE MINAS GERAES, 1912

RECEITA	DESPESA
Donativos feitos pelo director da Escola e mestres em 1912	Paga á B. S. Costa Junior & Comp. pelo fornecimento de livros para a escripturação da Associação, e pela impressão de 500 cartolinas para os alumnos, socios effectivos
388\$230	122\$000
Contribuições do pessoal da Escola, de Janeiro á Dezembro de 1912	De socios honorarios angariados pelo presidente da Associação em Dezembro de 1912
152\$000	331\$000
5 % da r. liquida das officinas em 1912	Donativo de pais dos alumnos em Dezembro de 1912
60\$771	34\$400
Diarias dos alumnos do 1.º e 2.º annos, de Março á Dezembro de 1912	
1:622\$900	
Total Réis	Réis.
2:239\$301	122\$000
Saldo existente na cartometa n. 22.430 da C. E. F. em Minas Geraes	
2:117\$301	

perativas e de Mutualidade, e vieram nos dias 11, 13 e 15. Pedi que publicassem o que vem nos anexos deste relatorio, e o foi no dia 16. Nesse jornal tambem foi publicada uma noticia resumida das Instruções referentes a essas Associações, no dia 17; tudo neste anno.

Bello Horizonte 12 de Janeiro de 1913.

Augusto Candido Ferreira Teal, presidente.

ANNEXO II

ALUNOS DA ESCOLA QUE MAIS CONCORRERAM, POR SUA ASSIDUIDADE, PARA AUMENTAR OS FUNDOS DA CAIXA DA ASSOCIAÇÃO COOPERATIVA E DE MUTUALIDADE

1.º ANNO

Ruy Barbosa de Moraes.
Arthur de Moura Lima
Benedicto dos Passos Moreira.
Ramiro Rosa da Silva.
Francisco Malta Pereira Junior.
José dos Santos Ferreira.
Raymundo do Espirito Santo.
Edgard Siqueira da Costa.
Eduardo Siqueira da Costa.
Mario Quites.
Amarilo Bandeira de Mello.
Sebastião Tassara de Salles.
José Tupiniquim Torres.
Francisco Sólha.
Manoel Carlos da Silva.
Francisco Dias Taxa.
Geraldino Jorge.
Lutz Prieto Moreira Junior.
José Alves dos Santos.
Janico Aveiri.
Edgard Vidal Leite Ribeiro.
José Cesarino de Avilla.
Antonio dos Santos.
Antonio Caetano de Souza.
Antonio Pirus B. de Moraes.
José Jacintho.
Edison Rangel.
Romneu Sydney.
Aristheu Bandeira de Mello.
Manoel Domingues Cartes.

2.º ANNO

Raymundo Scotti.
José Scotti.
José Maria do Espirito Santo Junior.
José Santino di Bernardi.
Amílcar di Bernardi.
Angelo Constantino Lasafá.
José Honório dos Santos.
Thomé Dias Taxa.
Henrique Rodrigues Gomes.
Antonio Gomes Pardo.
Manoel Rodrigues da Silva.
Simmuel Caetano de Jesus.
Mario G. Corrêa de Magalhães.
José de Avilla Brandão.
José Henrique Dutra.
Synesio da Costa Junqueira.
Manoel Perotti.
Arthurino Benevenuto de Faria.
Washington Benevenuto de Faria.

ANNEXO III

SOCIOS HONORARIOS ANGIARIADOS PELO PRESIDENTE EM DEZEMBRO DE 1912

José Verdussen (Consul da Belgica)
Dr. Antonio Prado Lopes Pereira.
José Maria Bastos.
Garcia de Paiva & Pinto.
B. S. Costa Junior & Comp.
Dr. Joaquim Julio Proença.
Dr. José Antonio da Costa Junior.
Armando Martini.
Bruno Féder.
Abilio Nunes de Figueiredo.
Oliveira & Yanna.
Major José Silverio dos Santos.
João Martins Penna.
Silverio Silva & Comp.
Haas & Glemence.
Paulo Simoni.
Paulo Aveilino Soares.
Domingos de Meira.
Dr. José Pedro Drummond.
Theodorico Cruz.
J. C. de Almeida.
Thiban & Paes.
Claudiano da Costa Martins.
Rogerio Costa.
Major Narciso da Silva Coelho.
Coronel Emygdio Ferrnaro.
Coronel Domingos Monteiro.
Pharmacia Mascarenhas.
J. Valente & Comp.
Aurelio Irmão & Comp.
Evaristo Lodi.
Coronel Rocha Mello, e Major João Caldeira.

ANEXO IV

PAIS OU PROTECTORES QUE FIZERAM DONATIVOS EM
DEZEMBRO DE 1912

José Constantino Lasafá.
Sebastião Ferreira da Costa.
Maximino Sôlha.
Fernando Scotti.
D. Josephina Rangel.
José Olegario Bandeira de Mello.
José dos Passos Moreira.
Ilidio Moraes da Costa.
Candido Rosa da Silva.
Ricardo Santos Ferreira.

ARTIGOS PUBLICADOS NA "A TARDE"

Escola de Aprendizizes Artifices

ASSOCIAÇÕES COOPERATIVAS E DE MUTUALIDADE (*)

Aos leitores que me honrarem com sua attenção, começo dizendo que, aproveitando o generoso offerecimento deste importante Jornal, venho por suas colunas dirigir-me ao povo mineiro, especialmente á classe operaria, procurando externar o meu sentir a respeito dessas associações.

Cumpre, porém, desde já, ficar-se sabendo que meu unico objectivo é tornar patente aos interessados a enorme utilidade dessas associações, cujo ascendente, altamente humanitario, tanto anima áquelles que as preconizam, é expor a inavaliavel importancia que a todos devem merecer esses focos de auxilios, de socorros, que se propõem, emfim, amparar aos desituidos da fortuna.

(*) Publicado na "A Tarde", de 11 e 13 de Janeiro de 1913.

Aos mestres no assumpto não me dirijo, porque me considero no caso de receber suas lições, e, portanto, lhes peço que me perdoem a audacia, que me relevem com sua benevolencia os erros que eu commetter.

Associações cooperativas são aggremações de individuos que se propõem em commun a beneficiar grupos que necessitam alcançar mais facilmente o que lhes é preciso para viver.

São aggremações de individuos que se submettem a um regimen economico e disciplinar para cumprirem deveres em commun e gosarem de direitos reciprocos.

Nas associações de mutualidade os individuos se renem para beneficiar uns aos outros.

O germen do estimulo de associacionismo, concebem os sociologos, para achal-o, tem-se de recuar para bem longe de nossos tempos.

Em Athenas e outros Estados da Grecia é que se vai encontrar o espirito de sociedades cooperativas e de mutualidade, segundo affirmam os historiadores.

O sentimento de mutualismo que humanisa o homem, oriundo da mais remota antiguidade, creou profundas raizes no periodo historico moderno e contemporaneo. a ponto de tornarem-se essas aggremações verdadeiros baluartes de defesa da miseria dos operarios e de suas familias. como attestam as innumerables que existem na Inglaterra, França, Suissa, Austria, Hungria, Allemanha, Italia etc. e nos Estados Unidos da America do Norte.

Da Belgica nos veio o puro mutualismo escolar.

Ha muitas especies de associações cooperativas; isto é, podem ter em vista cooperar para que grupos necessitados tenham generos de alimentação por pequeno preço, são as cooperativas de consumo; podem cooperar para facilitar a aquisição de machinas, ma-

teria prima, etc: para industrias, são as cooperativas industriaes, de produção. Ha tambem associações de mutualidade, cujos socios se propõem a socorrer uns aos outros, só no caso de indigencia, e são sociedades de socorros mutuos.

Ha as que indemnizam os socios no caso de incendio em suas casas commerciaes, são as sociedades mutuas contra incendio, e muitas outras.

Por ahi já se pôde comprehender a enorme utilidade dessas associações.

E' claro que taes aggremações precisam de capital, e ás vezes bem consideravel, como acontece com as de varios paizes estrangeiros que possuem enórmes capitaes, e estão actualmente habilitadas a amparar completamente seus socios operarios, provendo-os de tudo que lhes seja necessario; prestando-se a pensionar os socios por invalidez no trabalho, dando-lhes recursos pecuniarios para alimentação, vestuario, medico, etc.; amparando a infancia, a velhice, a maternidade, etc., como já temos no Brasil, felizmente.

As associações religiosas são tambem cooperativas, os individuos que as formam cooperam para augmentar o numero de seus crentes, para beneficiar a na pobreza, para defendel-os, etc. Assim tem-se a associação de S. Vicente de Paula, a do Pão de Santo Antonio, do Coração de Jesus, e muitas outras.

As associações franco maçonicas são tambem cooperativas e de mutualidade, pois, seus socios cooperam para socorrerem-se mutuamente e para beneficiarem a pobreza, em geral.

Todos, penso, bem comprehendem que o sentimento de cooperativismo, de mutualismo, pode-se dizer, nascem com a familia, incrementon se na sociedade, desenvolvem se nas patrias e vai recebendo raizes profundas no seio da humanidade.

Nascem com a familia, porque marido e mulher cooperam mutuamente para conservar o bem estar da comunidade que ambos, unanimes no sentir, entendem formar, e ambos trabalham para amparar e engrandecer a prole, provendo de tudo que seus filhos necessitam.

O progresso rapidamente crescente, que se observa, prova efficientemente que é fatal a tendencia da humanidade para o altruismo, para a maior das virtudes, o Amor, para a humanisação do homem.

Não se pôde negar a enorme quantidade de individuos, de familias que vivem da vida dessas abençoadas associações.

Laurent, Levy e tantos outros sociologos defensores do mutualismo e que tantos escriptos têm produzido em favor dessas aggremações, não o teriam feito, si realmente a magnitude do assumpto, si a utilidade dellas, não os inspirasse, não tocasse o espirito desses grandes e emeritos mutualistas.

E', pois, com a maior confiança que se deve dedicar ao desenvolvimento das associações cooperativas e de mutualidade. Seja, pois, dado applausos decidido a sua entrada nas escolas em geral, e nas de Aprendizizes Artífices, em particular.

Felizmente, os jovens, cujos paes, em bôa hora, lhes desejam dar uma arte, um officio, já podem allegrar-se, certos de que, seriamente se cuida de sua sorte, do futuro da classe a que se filiam; e o velho, cansado e quasi exausto trabalhador já pôde dizer que seus filhos hão de ficar salvos da miseria, serão vestidos, calçados, alimentados, soccorridos, quando invalidados no trabalho, pensados, quando enfermos, emfim sepultura modesta terão quando despedirem-se da vida.

E tudo isso sem ser preciso pedir esmola, sem implorar a caridade publica que, embôra um direito, é sempre enorme constrangimento.

Tudo isso para seus filhos podem os paes dignamente conseguir, trazendo-os a essas Escolas, cuja criação é o maior padrão de gloria para os governos que a decretaram.

E, no Brasil, esse feito sublime, immensamente humanitario, é bastante para dignificar o governo do Dr. Nilo Peganha, e merecer todo o applauso dos brasileiros os ministros Drs. Candido Rodrigues, Rodolpho de Miranda e Pedro de Toledo, que se vêm succedendo perfeitamente conscientes do que hão de ser essas Escolas, por comprehenderem nitidamente o grande ascendente moral e social a que obedecem esses modernos nucleos da geração operaria que ha de nobilitar o proletariado nacional, fazendo honra e engrandecendo a nossa querida Republica.

Sim, dessas Escolas sairão filhos do trabalho educados e instruidos, que bem comprehenderão seus direitos e saberão respeitar os que a outros pertencem. O Trabalho se harmonizará com o Capital, e a Produçãõ, resultante dessas poderosas forças, crescerá cada vez mais, abençoando essa união tão justa e anciosamente aspirada por todas as nações cultas para seu progresso e engrandecimento.

— O Trabalho dignifica o homem, ensina-lhe amar os humildes, desperta-lhe os pendores altruisticos, e até robustece-lhe o organismo.

— Bemdito é quem trabalha !

Bello Horizonte.

Augusto Candido Ferreira Leal.

Escola de Aprendizizes Artifices

AO POVO E PARTICULARMENTE AOS OPERARIOS (*)

Primeiramente, meus cordeaes agradecimentos a este altruistico e muito conceituado Jornal.

Em meu primeiro artigo, falando das Associações Cooperativas e de Mutualidade, disse que exultava-me pela entrada deste foco de beneficio nas Escolas de Aprendizizes Artifices, accrescente aqui ser este grande bem devido ao muito interesse que provou o Sr. Dr. Pedro de Toledo, ministro da Agricultura, Industria e Commercio, quando remodelou o antigo regulamento dessas Escolas, dando-lhes o approved pelo Decreto n. 9.070, de 25 de Outubro de 1911.

Este regulamento diz em seu art. 27 :

Os directores promoverão a organisação de associações cooperativas e de mutualidade entre os aprendizes com instrucções que serão submettidas a approvação do Ministro.

§ 1.º Os alumnos do 1.º e 2.º annos perceberão, respectivamente 100 e 200 réis, destinados à sua contribuição à caixa de mutualidade.

(*) Foi publicado na «A Tarde» de 15 de Janeiro de 1913.

§ 2.º Os dos 3.º e 4.º annos perceberão, respectivamente, as diarias de 600 e 800 réis, sendo-lhes facultado contribuir ou não para a caixa de mutualidade.

§ 3.º Os que não contribuírem ou deixarem de o fazer nos prazos e com as quantias que forem estipuladas nas instruções perderão seus direitos em favor da mesma caixa.

As instruções a que se refere este art. 27 serão publicadas, em resumo, para conhecimento dos interessados. Foram approvadas pelo mesmo Snr. Ministro em 7 de Agosto de 1912.

As Associações Cooperativas e de Mutualidade das Escolas de Aprendizizes Artífices têm por objectivo cooperar em auxilio mutuo das officinas das Escolas, quer na parte financeira ou economica, quer em socorrer os aprendizes em tudo que lhes for necessario.

A da Escola deste Estado, que me cabe a honra de dirigir, foi installada em 13 de Agosto do anno findo, e, só de diarias dos alumnos dos 1.º e 2.º annos, teve a quantia de Rs. 1:622\$900, que já está depositada na Caixa Economica Federal, neste Estado, e consta da caderneta n. 22.430.

De amigos e commerciantes desta Capital consuegui a quantia de Rs. 331\$000 de donativos, como socios honorarios. Seus nomes terei o prazer de publicar.

De todo o pessoal da Escola recebe a Associação Rs. 13\$000 mensalmente.

De paes e protectores dos alumnos recebi, em Dezembro do anno findo, 34\$400, de donativos. Seus nomes tambem publicarei.

De accordo com o art. 20, § 2.º do regulamento da Escola, sua Associação recebem Rs. 60\$771, isto é, 5 % da renda liquida das officinas.

Dessa mesma renda os alumnos receberam, como premio, 10 %; isto é, Rs. 121\$560, que poderia atingir a muito maior quantia, si o edificio da Escola e o

local em que se acha, não fossem: um imprestavel e outro inconveniente. Espero, porem, do patriotismo provado do governo do Estado, ser amparado na minha justissima pretensão de ver a Escola progredir em outro edificio da União, cujo local é o mais conveniente para ficar bem patente a sua immensa utilidade.

Em beneficio dos alumnos, ainda diz o regulamento, em seu art. 38:

Os aprendizes que derem maiores provas de idoneidade moral e profissional substituirão, em seus impedimentos temporarios os contra-mestres de officinas ou mestres, quando não houver contra mestres. No anno findo dous alumnos substituiram seus respectivos mestres.

Tudo que acabo de expor é sufficiente para se reconhecer e avaliar o grandissimo beneficio que esta e todas as Escolas de Aprendizizes Artífices vieram prestar aos destinados da fortuna.

Assim, pois, a seus paes operarios ou não, faço o seguinte appello:

trazei vossos filhos maiores de 12 annos até 16 á Escola de Aprendizizes Artífices deste Estado, tão prodigo na pratica do Bem, tomado em sua mais ampla accepção, que é o maior beneficio que podeis fazer-lhes, pois, tendes necessidade de desvial-os dos varios vicios a que estão sujeitos fora desse seguro e santo abrigo; afastai-os do meio em que imperam o alcoolismo, o jogo e a immoralidade; indicai-lhes o caminho da honra e da dignidade: accerai-lhes o caracter, lançando mão do recurso que tão generosamente vos é offerecido; enfim, dai-lhes instrução e educação no trabalho, e não vos esqueçais do que disse o grande Santo Agostinho: « Uma cabeça ociosa é forja de maledicencia.

Bello Horizonte, Janeiro de 1913.

Augusto Candido Ferreira Leal.



DISCURSO

Discurso proferido por occasião da distribuição de premios, inauguração do retrato do Snr. Dr. Pedro de Toledo, dignissimo Ministro da Agricultura, Industria e Commercio; inauguração da 2. exposição de artefactos dos alumnos, e entrega do estandarte da Escola de Aprendizizes Artifices de Minas Geraes aos alumnos da mesma Escola, em 29 de dezembro de 1912.

Excellentissimos Senhores representantes do Estado. Illustres Senhoras e Senhores. Professores, Meztres e demais Auxiliares. Meus queridos alumnos.

Nesta solemnidade que presenciámos e tão directa e immediatamente a alma nos enleia com alegres pensamentos que em nosso affectivo orgão despertam o mais vivo contentamento, fazendo-nos lembrar as festas de familia em que se reúnem todos que nos são caros, festeja-se o Trabalho na mais positiva de suas modalidades, aquella que nos dá elementos para avaliar o progresso material dos povos.

Festeja-se o Trabalho, séde mater da manifestação da actividade physica do homem, concretizando os resultados abstractos das investigações do sabio e do artista, realisando productos intellectuaes, corporisando, tornando palpaveis os ideaes.

Conventi, pois, Senhores, que, sobre o ensino, em geral, sobre a organização destas Escolas, e ainda relativamente ao sentir daquelles a quem mais de perto ellas interessam, vos externe alguns pensamentos que me têm occorrido no cargo que vou desempenhando de accordo com as minhas pequenas forças guiadas pelo amor e pela razão.

As horas voam, correm os dias, os annos se succedem, extingue-se, finalmente, a vida, quasi sempre antes de atingirmos a méta do que almejamos!

De certo, não teríamos consciencia do vertiginoso movimento de nosso Planeta, em sua velocidade maior que 27 kilometros por minuto, no Equador, si não fosse o Trabalho, si não fosse a luta constante em que nos empenhamos para conseguir uma coisa qualquer, e por fim, reconhecemos que nos falta tempo para realizarmos o que queriamos.

Bemdito seja o Trabalho! Hosannas ás Escolas em que se ensina a mocidade esse elemento primordial da honra, da dignidade humana.

Passemos uma vista rapida e retrospectiva sobre a instrução, e, voltando ao ponto de partida, prosigamos.

O que era a instrução em geral, ha 40, 20, 10 annos atraz, comparativamente com o que actualmente se observa? Pasmó fez-se com o caminharmento della, melhorando sempre em beneficio da humanidade. A instrução progride, procura-se cada vez mais adaptar melhor os methodos de ensino.

Senhores, methodos de ensino, coordenação de materias, ligação de estudos, tudo, é conseguido pelo trabalho; pelo trabalho tenaz daquelles que a vida inteira dedicaram a ensinar-nos aproveitar a curiosidade da criança para levar-a ao conhecimento facil das cousas.

A' Pestalozzi, Froebel, Calkins e poucos outros, quanto não custou adaptar ao ensino collectivo o que observaram individualmente nas choupanas do pobre!

A importancia, o valor do trabalho desses pedagogos, bem se comprehendendo pela escassez mesmo do numero desses verdadeiros paes do ensino infantil.

Até 1870 e tantos as escolas publicas primarias, podesse dizer, causavam horror ás crianças, eram focos de serias enfermidades infecciosas, enervavam os tenros organismos, atrophavam o espirito dos alumnos; descu-rava-se quasi completamente do moral dos pequenos cidadãos.

Methodo de ensino não havia nessas escolas, não obstante estarem já conhecidos ha muito antes os processos, as marchas do ensino que hoje tanto e com razão se preconizam; emfim, era tudo uma desordem, reinava completa desidia e em abandono, quasi absoluto, passavam as crianças nessas escolas, nessas fabricas, por assim dizer, de toda sorte de causas morbidas, não se cuidando, sequer, dos mais rudimentares principios de hygiene.

Disposição dos bancos de aula, posição dos alumnos, direcção da luz, tudo era descuidado. Estas importantissimas exigencias pedagogicas consideravam-se mero luxo, como o foi o uso do lenço em tempos remotissimos.

Isto nas escolas publicas, sujeitas á fiscalisção dos governos; e dahi se conclue o que eram as particulares, com rarissimas excepções, e pela maior parte desconhecidas das autoridades da instrução.

Em 1887, como delegado litterario, que assim se denominavam os actuaes inspectores escolares, fui obrigado a exigir o fechamento de muitas dessas casas de negocio.

Este estado de cousas perdurou, e, infelizmente, Senhores, não ha muitos annos, os methodos de Pestalozzi, Froebel e Calkins, santa trindade do ensino infantil, eram novidade, e dizia-se: vamos fazer experiencias com o methodo intuitivo, como se fosse preciso verificar

que o fogo queima e o veneno pôde matar; como si o conhecimento real, positivo das cousas pudesse não vir do concreto.

Felizmente, porém, já se estava livre do anachronico systema das celebres cartas de *a, b, c*, de custo de 80 reis.

Presentemente, é o methodo intuitivo que governa, e elle que preside o ensino primario; o alumno vê, contempla, compara e, por si mesmo, fórma uma definição que, ao professor compete corrigir, limitando-se ao incompleto, e gradativamente, com o adiantamento do alumno, vae completando o que foi ensinado; os conhecimentos a dar aos alumnos vão seguindo uma gradação natural do simples para o complexo, do menos para o mais, do minimo para o maximo, uma marcha ordinariamente synthetica, e ás vezes analytica, conforme a materia.

E' preciso, porém, notar que, para o methodo intuitivo produzir o resultado que forçosamente tem de dar; resultado que é a base solida, o alicerce firme e resistente, ha de ser iniciado na propria familia. A mãe tem de preparar seu filho de modo que desperte no espirito delle, em occasiões convenientes, a contemplação de tudo que nos cerca e incite curiosidade á criança.

Os mesmos cuidados e precauções que a mãe observa para o desenvolvimento physico do filho, não lhe dando para nutrir se si não o que sua tenra idade lhe indica, evitando indigestões, qualquer causa de doença do corpo e que até lhe produza morte; é arrenção analoga que lhe deve merecer o desenvolvimento do moral e da intelligencia do filho, evitando sempre conhecimentos prematuros, os quaes, longe de darem progresso á criança, atrasal-oão, e quando nada, tornar-se-á um individuo que ficará sabendo como papagaio, por ouvir falar, não tendo consciencia do que lhe é ensinado. Em uma palavra, é necessario que a mãe cuide com todo o interesse, com todo o zelo, do espirito de seu filho, de

modo que, convenientemente preparado, possa comprehender o professor na escola.

Senhores, a escola precisa ser a continuação da familia.

O menino, na escola, ha de ir desenvolvendo, completando o que lhe foi ensinado pela mãe na mais risonha phase de sua existencia, na epoca em que, como encantadoramente disse o poeta: «Aos seus beijos adorados, nem a propria dôr resiste».

A escola hoje atrahê a criança porque a grosseria de outr'ora é substituida pela delicadesa e mesmo pelo carinho; o menino recebe noções de tudo com gosto e alegremente, porque vê e sente a utilidade do saber, e toda sem custo, porque os professores ensinam methodicamente sabem afugentar o tedio que naturalmente tem quem começa aprender; tem o sentimento de respeito e veneração aos grandes cidadãos, porque o professor aproveita as occasiões proprias e deante dos retratos dos benemeritos da humanidade é que ensinam o bem, os beneficios por elles prestados; aprende a ser assaeiado, porque o professor mostra-lhe as más consequencias da falta de hygiene; tem noção do amor, do grande affecto que deve prodigalizar a seus companheiros e a todos, porque o professor é o primeiro a mostrar-se affectuoso para com elle e a fazer lhe comprehender o prazer que se sente quando é-se carinhosamente tratado. Fimim, hoje ha quem saiba ensinar; quem saiba formar bons cidadãos.

Assim expresse-me, porque sei quanto nos merece o digno pessoal docente primario desta Capital; tenho prova nesta escola.

Actualmente, o ensino nas escolas, mesmo nas profissionais, se vae fazendo por series; gradativamente se vão dando as noções das varias materias, de modo que, de anno para anno, o alumno vai augmentando seus

conhecimentos e completando as noções recebidas nos annos anteriores.

O ensino seriado deve entender-se de modo que obedeça-se seu objectivo desde a familia, que o iniciará, continue nas escolas primarias e secundarias, até completar-se nas diversas escolas superiores. Só assim, penso, teremos homens de saber real, de conhecimentos positivos.

No ensino se dá o mesmo que na construcção de um edificio. Este será resistente e estavel, si suas bases forem solidamente construidas e considerarem se todas as circumstancias que tiverem de occorrer; e sendo assim, as paredes e a cobertura com seu peso, ainda que muito consideravel, não affectarão a estabilidade do edificio.

Senhores, a instrucção primaria é a base de todos os conhecimentos, por mais elevados que sejam; representa as fundações do ensino.

A instrucção secundaria constitue as paredes, e finalmente a instrucção superior, nas faculdades, é a cobertura, a cupola desse grande edificio.

Haja harmonia nas partes, que o todo será harmonico.

Não é só nas letras que se tem de ir successivamente completando os conhecimentos do alumno; nas escolas professionaes de artes e officios tambem se precisa seriar o ensino. E' assim que nas de aprendizes artífices torna-se necessario que o alumno venha de outras escolas com as noções rudimentares sobre as varias ferramentas que tem de manejar na officina que escolher.

Em quasi todos os Estados ha grupos escolares, é ali que os alumnos das escolas professionaes devem encarar a aprendizagem dos officios. Os respectivos professores dos cursos technicos desses grupos deverão occupar-se sómente em preparar alumnos para as escolas de Artífices, de artes e officios. Assim os cursos technicos

dos grupos escolares serão para as Escolas professionaes, o que é para os grupos a familia; isto é, as escolas professionaes devem completar o que os alumnos aprenderam nos cursos technicos dos grupos.

Os conhecimentos, em qualquer ramo do saber, constituem-se por cadêas, cujos elos se succedem invariavelmente presos uns aos outros; com o enfraquecimento de um telles o todo, a cadêa perde sua resistencia.

E' com este sentir que dirijo esta Escola que, verdadeiramente, só dous annos tem de existencia, e embo- ra seja muito pequeno seu progresso, contudo, permitam me, tenho certeza que progride, como verifícareis.

O tempo que nella se passa é consumido em trabalhos dos aprendizes guiados dedicadamente por seus professores e mestres.

Quando o alumno sair desta Escola, não será um official perfeito, é verdade; mas, tal como um medico, um engenheiro, etc., com a pratica que fôr adquirindo, tornar-se-á capaz de bem desempenhar qualquer myster referente ao officio que aprender.

Sobre o ensino profissional já se faz alguma coisa, e, embora muito se tenha ainda de fazer, é incontestavel que, quer por iniciativa particular, quer pelo lado dos governos, bem se patenteia um inicio que tende a incrementar-se, deste importante ramo da instrucção popular. Os lycens, escolas de aprendizes, em geral, escolas agricolas e zootechnicas são vivos attestados de que deste assumpto já nos occupamos seriamente.

E' preciso que não haja receio das despesas a que este ramo de instrucção acarreta, e lembremos do que disse o eminente Dr. Ruy Barbosa em seus luminosos relatorios sobre a instrucção: A Allemanha empenhando-se em instruir o povo, succedeu que o erario publico accusara enorme deficit; ella, essa grande nação, de

respeitaveis pensadores, com a maxima coragem despendeu grande somma dos dinheiros publicos para disseminar a instrucção por todo o povo, e a consequencia foi o que se viu na guerra franco-prussiana e suas finanças progrediram. Só com grande somma de contos de reis ficará completa a organisação das escolas profissionais em suas officinas, podendo egualar se ás suas congêneres dos Estados Unidos da America do Norte, da Suissa, da Belgica, França, Italia, etc.

Não se perde com a diminuição de nossos bachareis e doutores; mas, certamente, ganhar-se-á com o desenvolvimento do ensino das artes mecanicas, e com a instrucção necessaria á mulher, não se olvidando, porém, da missão sublime que lhe é destinada no seio da familia; procurando se sempre desviar a das profissões que ao homem competem principalmente, por ter de sustentar todos os recursos que o tornam capaz de sustentala, de salvaguardala das grandes lutas da vida.

E' na familia o logar da mulher, é ali que ella pode desenvolver sua esphera de acção benéfica, de educadora da humanidade.

E' nas escolas, guiando a intelligencia e o coração da infancia a viver em sociedade, porque é em collectividade e pela collectividade que o homem vive.

As escolas normaes irão desapparecendo com o correr dos tempos, e geração virá em que as mães, já habitadas, no concheço da familia, ensinarão a seus filhos tudo que precisam saber para bem comprehenderem os professores que tenham de encarregar-se do ensino de ordem superior, de grão mais elevado.

Com o desapparecimento dessas escolas, deixará de existir, consequentemente, a enorme serie de escolas particulares e collegios de regimen de internato, cuja maioria constitue-se, como temiveis casas de pensão, condemnados pelos melhores hygienistas, como attentatorios ao physico e moral das crianças.

Faço os mais ardentes votos para que chegue essa epoca feliz para a infancia que, ao emvez de receber noções e pinceladas, esbatidas aquarellas de instrucção, enriquecer-se-á com firmes e positivos ensinamentos que lhes servirão de base solida e resistente para o saber que, em seguida, tenha ella de adquirir. Base resistente e solida, sim, porque suas educadoras, com inegualavel interesse, só lhe ensinarão o que fôr util e proveitoso.

Referindo-me á desnecessaria e inconveniente instrucção superior da mulher, não quero dizer que negue-se-lhe a aptidão para adquirir todos os conhecimentos de que o homem é capaz. Ella tem os mesmos direitos na familia e fóra della: porém, a mulher medica, mathematica, engenheira, naturalista, advogada ou magistrada, etc., é collocar-se fóra de sua grandiosissima missão, é deslocar-se da familia, é divorciar-se dos sentimentos que mais se aninham no coração humano, é, enfim, abandonar funcções em que não ha quem a substitua.

A propria Historia nos mostra, quando cita os homens e as mulheres celebres, que o numero destas é muito pequeno, comparativamente com o daquelles. E', pois, a mesma Historia que ensina não ser justo querer a mulher participar de todas as profissões que ao homem é dado exercer.

A mulher, por sua natureza de amor em todas as suas modalidades, dotada de coração altruísta, amantissima até o sacrificio. como mãe, não deve, não pode querer preterir os interesses da familia. o carinho, os cuidados que só ella pode prodigalisar a seus filhos, pelo exercicio de uma profissão qualquer. As fibras do coração feminino, Senhores, estão presas material e moralmente ao coração da criança, quanto mais ao filho.

Só a mulher, por sua vidente intelligencia, por seu espirito adivinho, pode penetrar os arcanos da infancia e comprehender-lhe as necessidades, a dôr que a afflige e a alegria que a encanta.

Admittir-se que a maioria das mulheres abrace as profissões masculinas, é chegar, talvez, á terrivel conclusão de tornarem-se celibatarias, d'onde a dissolução da sociedade, a annullação da moral.

O que mais quer o sexo amante? o que precisa ainda alcançar a mulher? si o catholicismo libertou a completamente da inferioridade, da posição social com que a ultrajaram os povos da antiguidade; si nesse grandioso e sublime monumento ella está santificada em Maria, como mãe dos homens: si a religião scientifica deificou-a em Clotilde de Yaux?!

Vós todos, que me ouvís com tanta benevolencia, desculpai-me, perdoai-me mesmo o ter eu abusado de vossa bondade, digressando por caminhos diffieis, sem me lembrar da minha incompetencia, sem qualidades que me recomendem, procurando emitir opinião sobre o transcendente problema do ensino basico, da instrucção fundamental.

Mas, vós, queridos alumnos, guardai as minhas expressões unicamente como incentivo, afim de que presen- teis culto á mulher, imagem de irmã, filha, esposa e mãe, como vossa terna e affectuosa educadora que, sempre carinhosa, vos preparara o coração e a intelligencia para serdes cidadãos dignos do nosso querido Brazil. () que ouvistes sobre o ensino servirá para comparar- des o que elle era, há muitos annos, quando eu menino, com o que presentemente é; e procurai ser gratos a seus reformadores, dos quaes muitos já se evolaram. Dessa comparação tirai esta conclusão consoladora: do quasi nada que hoje sabemos, muito maiores serão os nossos conhecimentos no futuro, si nos applicarmos ao

estudo. Ficai certos de que tudo evolue, completando-se, aperfeiçoando se cada vez mais.

Comecei dizendo que tudo que aqui vemos nos faz lembrar as festas de familia; e é real, porque esta Escola, representada por todos nós que nella trabalhamos, constitue uma grande familia, cujos filhos sois vós, queridos alumnos.

Vou, pois, expôr a todos que se dignaram de honrar-nos, accedendo ao nosso convite, os motivos desta festa que, em sua simplicidade, bem coaduna-se com a singeleza de vossos sentimentos.

Senhores, o Ministro, Dr. Pedro de Toledo tem provado incontestavelmente sua grande competencia, força de vontade pouco commum, enorme actividade nos varios e complicados departamentos de sua importantissima pasta, tratando de estudar e resolvendo os difficilimos problemas referentes á agricultura, catechese dos selvícolas, povoamento do sólo, creando escolas agricolas, etc., sem se esquecer da palpitante necessidade da propaganda dos productos nacionaes no estrangeiro por meio de centros informantes e publicações de varios trabalhos de inavaliavel utilidade; reformando sua Secretaria de Estado; emfim, dando ao Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio que, pôde-se dizer, é de hontem, um desenvolvimento só comparavel com o espantoso progresso desta Capital typo, que assim é julgada, para maior honra nossa, por competentes estrangeiros que a têm vindo visitar.

Este Ministro, que tanta importancia tambem liga ás Escolas de Aprendizizes Artífices, como facilmente se reconhece pelo regulamento dessas Escolas por elle organiado, remodelando o de 1909; este Ministro, que continua com o maximo interesse essa creação assignalada de seus dignos e benemeritos antecessores, nucleo de tamanho beneficio para o proletariado no Brasil, ni-

nho donde surgirá uma nova geração de operarios sci-entes e conscientes do bem que resulta do trabalho, positiva manifestação da actividade humana. Este Ministro merece a nossa gratidão, impõe a todos que aqui trabalham respeito e admiração, porque todos se curvam deante da grandesa do Trabalho.

Eu e meus auxiliares resolvemos, portanto, ter nesta Escola sempre presente a nossos olhos a imagem desse egregio brasileiro, e contemplando-a jamais nos esqueceremos de seus ingentes esforços pelo engrandecimento da Republica e que nos servirão de estímulo para que não se arrefeça a nossa dedicação áquelles que a nossa guarda forem confiados.

Queridos alumnos, o retrato que alli vêdes é a imagem do Snr. Dr. Pedro de Toledo, Ministro da Agricultura, um dos vossos maiores protectores que, ao lado dos que já honram esta Escola, vem muito honral-a tambem. Aprendei a amal-o e procurai imital-o em dar, na medida progressiva de vossas forças, tuão em prol do engrandecimento da classe a que estaes filados para a prosperidade do nosso Brasil, a grande Republica dos Estados Unidos da America do Sul que, descrezando antigos preconceitos, onsou primeiro inscrever em seu glorioso pavilhão a tão significativa e sublime legenda: «Ordem e Progresso».

Senhores, sou dos que pensam que á familia não se deve estar ligado intimamente só nos momentos em que junto della se acha, e sim fóra tambem, trazendo-a no coração e no espirito; no espirito, para serem-lhe consagrados os melhores pensamentos, e no coração para ser continuo o affecto que lhe é devido.

Assim, tambem, nas occasiões que me são dadas para o conchego de minha familia, deixando esta Escola, levo bem junto della os queridos alumnos, filhos meus espirituaes, nelles penso e lhes consagro grande parte

de minhas meditações. Dahi nasceu-me a idéa de lhes dar um symbolo que os ligasse á este lar, de que já mais deverão esquecer-se, de os prender á esta Escola que lhes ha de proporcionar a relativa felicidade; que essa ligação, essa prisão fosse para elles o que é para o cidadão brasileiro o pendão nacional, lembrança viva da Patria.

Era, pois, preciso ainda que esse symbolo recordesse, em synthese, aos jovens aprendizes, os beneficios que recebem da Republica e que lhe devem ser gratos, concorrendo no futuro para a paz de que ella muito precisa para seu progresso, para sua estabilidade.

Realisei a minha idéa naquelle estandar-te, graças ao Snr. Ministro, que m'a amparou, autorisando a sua acquisição. Contemplai-o, queridos alumnos:

verde a bella côr nos lembra o aspecto perenne de nossas florestas, sempre risonhas e viçosas, em perpetua Primavera; o branco, synthese das côres do spectro solar, é a côr da luz do astro rei que nos vivifica e a alma nos alegra.

O verde é a côr de nossos mares, é o symbolo da esperanza, filha querida que nos acompanha até ao túmulo! O branco é o symbolo da paz. nectar sublime que retempera-nos o coração cansado de supportar da vida as terriveis lutas, e feliz nos torna no santo regaço da familia.

Esperança e paz, não bastavam para a realisagão do meu idéal! Nossa Patria é Republicana, e nossa Escola é uma Escola de trabalho.

(Continuando a contemplar aquelle campo de pureza, vereis duas figuras de mulher; dessa fonte perenne de bondade, de affecto e ternura, de dedicagão e amor; dessa individualidade em que devemos sempre vêr a irmã, a filha, a esposa ou nossa mãe. Uma daquellas mulheres representa a Republica e a outra o Trabalho, porque a mulher, na familia, nos ensina o altruismo,

com ella aprendemos, na sua faina diaria, a amar o trabalho.

Concretizados os elementos de men idéal naquelle estandarte, pela significação de cada um delles, tereis, quando os rennirdes, o seguinte pensamento: «A Republica auxiliando o Trabalho, espera delle a paz da Patria».

Aquelle estandarte que, de hoje em diante pertence á esta Escola e, portanto, a vós, queridos alumnos e a todos os seus filhos. e que peço venia ao Snr. Presidente para entregar-vos, confiado-o á vossa guarda. ha de guiar-vos aqui e fora. Sempre que o virdes, em qualquer parte que estiverdes; em qualquer posição que occupardes, acariciai-o, tende o como um symbolo da pura esperanza da Republica, nesta Escola, que carinhosamente vos recebeu para educar-vos no trabalho e amparar-vos o futuro. Dai lhe grande parte do affecto, do amor que de todos nós merece o pavilhão nacional. cuja protecção jamais vos ha de faltar; servirá elle, emfim, para despertar-vos a gratidão que deveis aos que se dedicam á elevação social do proletariado, e esforcam-se pela felicidade do vosso porvir.

Queridos alumnos, prosegui com esperanza, cheios de fé no trabalho: não esmorecei ante as resistencias que ainda tendes de encontrar: tudo vencereis pela força de vontade. Sorriúdo, a Patria vos espera com filigrante aurora de paz em bello fundo azul do nosso céo.

Queridos alumnos, ao Snr. Presidente peço que se digne de honrar-me, conferindo os premios a que fizestes jus por vosso comportamento e pelo resultado proveitoso de vossa applicação quer ao estudo, nas aulas theoreticas, base dos officios que ides aprendendo, quer aos varios trabalhos nas officinas, ajudados poderosamente e efficaçamente pela competencia e dedicacão de vossos preceptores.

fizesse premios, recompensa de vossos esforços, estou certo, concorrerão para bem comprehenderdes o bem estar que nos dá o cumprimento do dever. Elles tambem vos devem representar a prova material do grande affecto que por vós sentem os vossos professores.

Mostrai-vos sempre merecedores desta e de outras recompensas ainda maiores; estudai e sedê operarios dignos da nossa querida Republica, honrando o Estado de Minas Geraes, que assim realisareis nesta Escola a minha maior aspiração.

Senhores, no anno passado institui um premio perpetuo a ser conferido ao alumno de notas optimas em todos os cursos, quer em comportamento, quer em aproveitamento, e que mostrar maior aptidão nas officinas.

Esse premio representa o meu respeito, a minha profunda veneração á memoria do benemerito Brasileiro Bittencourt da Silva, fundador do Lyceu de Artes e Officios do Rio de Janeiro.

Coube elle este anno ao alumno da officina de ferros, José Maria do Espirito Santo Junior, a quem peço honrar a esse mestre e procure imital-o no seu inegualavel amor ao homem do trabalho; foi elle um grande exemplo do quanto é capaz o poder da vontade.

Qual Palissy, que queimou a ultima taboada do soa-lho de sua habitacão para conseguir a temperatura necessaria do forno que construiu para realisar a descoberta de seu genio, tambem Bittencourt, sem preocupar-se com os conselhos daquelles que diversamente pensavam, daquelles que não sentiam como elle a importancia, a necessidade da instrucção para o trabalho; tudo esquecendo, despresando seu bem estar, gastou enormemente mais que podia, conseguiu o que antes a muitos parecia utopia, realisa seu sonho, fundou esse instituto que, começando quasi do nada, é hoje modelar, onde o operario analphabeto consegue os neces-

sarios conhecimentos para o bom desempenho de sua profissão.

Queridos alumnos, todas as difficuldades vencereis, do poder da vontade, imitando esses exemplos.

Bem sei, Senhores, que tudo na vida é relativo, como consequencia fatal de nossa complexa organisação. Si fôra possível uma existencia de completa felicidade, claudicado teria o poeta quando escrever: «Quem a vida passou e não soffreu, pela vida passou e não viveu».

Bem sei que viver é lutar, é defender-se das causas innumeradas que se oppõe á harmonia das funcções moraes, intellectuaes e physicas do nosso organismo. Com muitas contrariedades, portanto, devem contar os que, como eu, trazem o encargo das Escolas desta natureza. Há porém, um grande desgosto, do qual se não devia cogitar e muito menos sentir: é vêr um menino retirar-se da Escola, quando apenas tem principio do officio, sendo a causa o erro em que labora o pae ou protector, que pensa que o menino fôra da Escola, ganhando um quasi nada, pode prestar-lhe proficuo auxilio para minorar as difficuldades da vida. Não comprehendendo esse pae que é isso mesmo um dos objectivos dos que fundaram estas Escolas que, nos moldes em que estão organisadas pelo actual Ministro da Agricultura, proverão as principaes necessidades dos paes pelos beneficios que prodigalisam áquelles que as procuram.

O regulamento actual prevê que, os paes pondo os filhos na Escola de Artífices para lhes darem educação, possam ser por elles auxiliados. Certamente, foi pensando tambem assim que o benemerito Ministro, na remodelação do antigo regulamento dá diarias aos alumnos conforme o anno em que estão matriculados, além dos premios pecuniarios de accordo com o comportamento e applicação de cada um delles para o officio que esco-

lherem: premios esses que são tirados da renda liquida das officinas.

Os alumnos do 3º anno, com a diaria de 600 reis, já poderão auxiliar seus paes, e isto livre dos mãos habitos que estarião sujeitos á contrahir nas officinas particulares, sem entrar em conta com os tratos grosseiros que nellas recebem quasi sempre: porque, Senhores, um aprendiz em qualquer dessas officinas transforma-se em criado de servir, embrutee-se e permanece analfabeto, ordinariamente.

Para que possam progredir as Escolas de aprendizes e dêem o resultado que nos é licito esperar, é preciso que os paes dos menores saibam ter força de vontade, deixando os completarem os 4 annos do curso de apprendizado.

Como alumno destas Escolas, o menino ainda pode receber outros beneficios. Assim, quando fôr necessário auxiliar o mestre nos trabalhos das officinas, o director nomeal-o-á ganhando razoavel diaria. Como alumno dessas Escolas, o menino será soccorrido pela Associação Cooperativa e de Mutualidade entre os alumnos da Escola a que pertencem.

Esta Associação recebe auxilio do Governo da União, que, pelo regulamento das Escolas de Aprendizes, concede-lhe 5% da renda liquida das officinas.

A desta Escola é auxiliada por todos os funcionarios, por grande parte do Commercio desta Capital. e este certo merecerá uma subvenção do Congresso do Estado e do Conselho Deliberativo, apoiado pelo Sr. Prefeito.

A fundação dessa aggreminação com o intuito de socorrer aos alumnos, veio tambem concorrer para dar-lhes moral e social ensinamentos. Continuarão elles a cultivar o altruismo originado na família pelo exemplo da mulher mãe, que distribue pelos filhos a maior parte e o melhor do que lhe toca e guarda para si a minima

quota, e ser-lhes-ão fortalecidos os sentimentos de união, de solidariedade que necessitam ter sempre com seus collegas, e com todos de sua classe, em geral.

Queridos alumnos, quando vos falei do affecto com que deveis retribuir à dedicação e carinho de vossos dignos professores, é verdade que me referia aquelles, a cujo cargo se acham os cursos regulamentares desta Escola: mas, não penseis que olvidei-me da Senhorita Honorina Flores, vossa professora de musica, não; foi muito propositalmente que guardei-me para agora della occupar-me.

Senhores, devo-lhe grande auxilio em tornar realidade uma das minhas maiores aspirações ao entrar para esta Escola, aspiração que foi amparada pelo Sr. Ministro, Dr. Pedro de Toledo, autorisando-me a aceitar seus serviços gratuitos. Fy' mais um bem que os jovens aprendizes recebem dese merito Brasileiro. Sendo meu sentir que no ensino é de necessidade primordial a educação moral, a afinação das cordas do coração que nos imprimem os sentimentos de affecto, de amizade e de amor, escolhi a musica, arte encantadora que as fezas dona e aos selvagens atrahê e domina.

A Senhorita Honorina Flores com sua provada competencia, inexcédível em dedicação e interesse, ensina musica aos alumnos ha quasi dous annos e, graças a seus enorres esforços, conseguiu que alguns delles formassem uma banda que este anno acompanhou todos os alumnos no canto do hymno à Bandeira.

Queridos alumnos, essa professora vossa, tratando-vos com o carinho que bem sabeis, e tendo por unico objectivo o vosso aproveitamento e o realce que haveis de dar ás nossas festas, dá prova cabal e incontestavel que é do coração da mulher que nos vem o altruis-

mo e nelle se vae aninhar. Aprendeí, pois, com ella á «viver para outrem».

Senhorita Honorina Flores, acceitai a singela lembrança que vossos discipulos têm o grato prazer de offerecer-vos, como prova modesta de sua gratidão.

E vós, oh! Carlos (Jomes) genio brasileiro da musica, de cujas produções sublimes resalta o encantador e original Guarany, que immenso affecto nos desperta pelos filhos de nossas bellissimas selvas, que nos mostra a força indomita do coração do indio do Brasil no amar simples, singela, sincera e puramente!

Oh! campinense immortal! despertai naquelles corações juvenis todo o sentimento por vossa arte sublime, e possa o Governo de nossa amada Republica fazer justiça ao merecimento da vossa distincta disciplina.

Fy' muito grande, Snrs. Representantes dos Poderes do Estado, a honra que daes à Escola, acudindo ao convite de seu humilde director que julgava, julga e julgará necessaria a vossa presença para dar com pleto brilho à solemnidade desta festa dedicada principalmente a estes jovens aprendizes pobres de dinheiro, mas ricos de affecto e gratidão aos seus bemfeitores.

Senhores, sinto me contente por ter me cabido a honra de, ainda este anno, pedir ao Chefe Supremo da Instrução deste Estado que inaugure a 2.^a exposição dos trabalhos dos alumnos desta Escola, no presente anno.

Confrontando esses trabalhos com os que vistes na 1.^a exposição, julgo que haveis de reconhecer que esta Escola progride, que seus alumnos aproveitam.

O que virdes, referente ás officinas, são os productos dos alumnos destinados exclusivamente quasi à exposição, havendo, porém, alguns, cujos encommendatarios consentiram que fossem expostos.

Muitas encomendas tiveram de ser satisfeitas pelos aprendizes guiados por seus mestres. A renda bruta produziu a quantia de Rs. 2:555\$565, cujo líquido importou em 1:215\$615. Dos 10 % desta renda sahiram os premios pecuniarios; e 5 % ou 60\$771 serão depositados na Caixa Economica Federal para os fundos da Caixa de Mutualidade dos alumnos da Escola.

Estou certo que em local conveniente, onde haja espaço amplo e possam os artefactos ir sendo expostos a medida que forem sendo acabados, e tambem com exposiçào permanente, consideravel será a renda da Escola.

Não é racional suppor-se que, podendo as oficinas fazer trabalhos por menor prego que as de fóra, não sejam ellas preferidas. Ninguém deixará pois de correr, sem o minimo sacrificio, para beneficiar os jovens filhos do Trabalho que, em futuro muito proximo hão de fazer honra a este grande Estado e ao operariado brasileiro.

Já pedi ao Governo um edificio da União no local mais conveniente desta Capital. e espero, amparado pelo patriotico governo deste Estado, ver realisada esta minha justa aspiração.

Agradecendo penhoradissimo a todos que vieram honrar esta Escola com sua presença que tanto me conforta, dando-me coragem para proseguir na minha missão de tão sympathico objectivo, peço permissão para dirigir ainda algumas palavras a meus filhos espirituaes.

E vós illustres professores que generosa e expontaneamente viesdes acompanhar-me com mysticos acordes de vossos instrumentos para completar o encanto desta festa, acceptae os agradecimentos que transbordam de minh'alma.

Queridos alumnos, a distincção nas classes é uma necessidade para a vida social. Ella não rebaixa, não humilha os grupos, nem o individuo; cada um póde ser grande, pode ser uma summidade na classe a que pertencer. Assim, o operario póde tornar-se respeitado e respeitavel por sua competencia, por seu merecimento, como o engenheiro o medico, o pharmaceutico, o advogado, etc.

E' esta verdade que venho percebendo no grande interesse que as nações cultas manifestam pela fundação de escolas profissionais, pelo desenvolvimento do ensino das profissões mecanicas.

Aproveitando, pois, o pensamento original de um dos maiores propagandistas da libertação dos escravos no Brasil, José do Patrocínio, que já pertence á historia da nossa civilisação, direi: «Governos, minh'alma de joelhos. vos agradece o involvidavel bem que fazeis á Humanidade, tornando extensiva ao operario a bella formula de Amor: Igualdade e Fraternidade».

Exultae, meus filhos! Estas palavras que acabastes de ouvir, significam que o Trabalho tem tambem seus direitos, elle se irmana á toda a Humanidade.

Bello Horizonte, 29 de Dezembro de 1912.

Augusto Candido Ferreira Leal



ERRATAS:

Pagina 28, leia-se: *sabendo fazel-as....*

Pagina 110, quasi no fim, leia-se: *atrabal-a-ão....*

Pagina 119, no meio, leia-se: *a bella côr verde nos lembra....*

Outras faltas serão facilmente correctas pelo leitor

